

Crônicas

Feições das Horas



Crônicas: Feições das horas, constitui momentos de surpreender. O texto lembra fatos antigos e novos, convidando o leitor a reconhecer belezas dantes nunca percebidas. O extraordinário não é o cotidiano, este sempre carrega o inusitado. Extraordinário está em tirar dele a luz a iluminar as horas. O olhar pode produzir poesias mediante uma alma atenta. Agostinho faz lembrar um conto de Borges: Um árabe, cansado de sua casa, foi em busca de coisa melhor. Andou e andou e de tanto andar, cansou. Ao entrar numa aldeia, dormiu na praça. Vieram os guardiões do califa. Prenderam-no. Foi levado ao chefe que o perguntou: Que queres? Uma nova casa, respondeu o peregrino. O califa falou-lhe de seu desejo de também possuir uma nova casa e foi descrevendo a casa de seus sonhos. Mas esta é a minha casa, concluiu o peregrino.

Pois, pois, assim também nos ocorrem maravilhas, mas não despertamos para a realidade. Estamos distraídos e a vida nega o que temos de melhor. Percorremos caminhos e conhecemos caminhantes. Nada vemos por não termos sensibilidade para ver as revelações dos caminhos e dos caminhantes. Imitando a poesia de Atahualpa Yupanqui
Para aquele que olha sem ver
o caminho é apenas caminho
A pampa nada lhe diz,
Nem o arroio nem os salgueiros

Crônicas

feições das horas



Agostinho Both

Crônicas
feições das horas

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 28/09/2015

B749c Both, Agostinho

Crônicas [recurso eletrônico] : feições das horas /
Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,
2015.

2,86 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-160-5

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras. I.
Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

APRESENTAÇÃO	09
CRÔNICAS: FEIÇÕES DAS HORAS	11
MULHERES QUE EU VEJO POR AÍ	14
OS BOIS DO ANSELMO	16
SOBRE UM GATO, UMA CORRUIRA E GENTE	18
OS MENINOS DA DIVISA	20
ALEGRIAS PASSAGEIRAS	21
MODELAGEM	23
ANIVERSÁRIO DE PROFESSOR	25
UM MOTORISTA	27
UMA FIGURA HUMANA	29
UM DOMINGO MAIOR	31
ENTRE FILÓSOFOS, COLONOS E PESQUISADORES	33
ALGUNS DE MEUS AMIGOS	35
O CAIXA E O SURDO	37
SELVAGENS, BÁRBAROS E CIVILIZADOS	39
O FORNO	41
O PORÃO	43
NAS ALDEIAS: RIR PRA NÃO CHORAR	45
DA LEITURA INESQUECÍVEL	47
DECEPÇÃO RELIGIOSA	49
NO ENTERRO DO SEU MADERS	51
PODE CUSPIR	52



ESPERTEZA DE PIÁ	54
CRIANÇAS	56
O PROFESSOR E O TREINADOR	58
DIÁLOGO IMAGINÁRIO EM TORNO DA NAVE	60
SOBRE A INSEGURANÇA	63
DAS VACAS DO FIGUEIREDO	64
UMA ABELHA E UM MENINO	66
1992: DIÁLOGO EM TORNO DE UM FRANGO	68
O MORRER E O VIVER	70
FOLGA: A HORA DA POESIA	72
PRIMAVERA	75
CANTO E FLORES FORA DE HORA	77
TEMPO DE INFORMAÇÕES!	78
ENTRE MÃE E FILHA	80
PARADOXOS	82
PIZZA E PARTO	83
MI JESU, MISERICÓRDIA	85
EM SILÊNCIO TAMBÉM SE AMA	87
2009: MINHA TIA LAURA	88
INTRUSOS	90
COLHI DE UM VELHO	92
SAPATO VELHO	94
ALÉM DOS SAPATOS: AS CADEIRAS	96
OS DIAS SAGRADOS	98
HUMÍLIMAS CRIANÇAS	100
UM TRISTE DIÁLOGO	102



ARAÇÁ-DO-MATO	104
AVÔ E NETO	106
TEMPOS MATERNAIS	108
MARÇO DE 2011	111
O QUASE NADA	112
DEUS AJUDA A QUEM MADRUGA	114
SOLIDARIEDADE	116
MEDOS DE PERDER	118
INSEGURANÇA DIANTE DO PÚBLICO	120
DOLCE FAR NIENTE	122
BRASIL ENTRE MIA COUTO E SOLON	124
FINALIZANDO	126



APRESENTAÇÃO

Sinto-me muito honrada em ter sido escolhida pelo autor para fazer a apresentação de seu livro de crônicas. Foi um convite feito por telefone em que meu ex-professor de psicologia, doutor em Educação, autor de varias obras e meu colega confrade na Academia Passo-Fundense de Letras, Agostinho Both, me pediu se eu poderia fazer esta apresentação.

Fiquei extremamente lisonjeada com tal pedido que nunca imaginei que um dia pudesse ter essa distinção, dessa pessoa que para mim, sempre considerei meu ídolo, um modelo a ser seguido, como: professor, escritor, cidadão, ser humano... E então eis que me encontro com esta grande responsabilidade e com o privilegio de fazer a primeira leitura de memórias em forma de crônicas belíssimas onde Agostinho mostra aos leitores um pouco de seu cotidiano.

O cotidiano mostrado pelo professor Agostinho em suas crônicas foram escritas com todo seu talento de escritor experiente e sua sensibilidade de cidadão de primeira linha, daqueles que nos dias de hoje, como dizia meu velho pai, precisamos de uma vela para encontrar outro igual.

Com sabedoria madura, usando vocabulário acessível ele pretende, “pelas narrativas da memória individual, expressar, acima de tudo, meu universo humano”. Palavras do próprio



Agostinho. Isto mesmo, são crônicas cheias de memórias de fatos vividos, presenciados de alguma forma, percebido e relatado usando argumentos atuais.

Sabemos que memória é a capacidade de adquirir, armazenar recuperar informações disponíveis, seja internamente, no cérebro (memória biológica), seja externamente, em dispositivos artificiais (memória artificial). Então, a memória é o armazenamento de informações e de fatos obtidos através de experiências ouvidas ou vividas.

A memória focaliza coisas específicas, requer grande quantidade de energia mental e deteriora-se com a idade. É um processo que conecta pedaços de memória e conhecimentos a fim de gerar novas ideias, ajudando a tomar decisões diárias. David Lowenthal afirmava que: “Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado.”

Usando esse processo o professor Agostinho Both resgata os fatos buscando-os em sua memória distante ou próxima. Constrói, então, suas belas crônicas alternando as falas entre temas como família, amor, amizade, religião, vida, finitude, arte, cotidiano, filosofia e muito mais, de uma maneira gostosa que prende o leitor e no final nos deixa querendo mais.

Dilse Piccin Corteze



CRÔNICAS: FEIÇÕES DAS HORAS

Não tenho a pretensão de apresentar memórias individuais, mas compor arranjos de diversas realidades. E quando a memória está carregada de ideias, lembranças de caminhos e de caminhantes, ela não se segura e tende a realizar duas tarefas: avaliar o que lhe ocorreu e a outra diz respeito à necessidade de comunicar. Pretendo, pelas narrativas da memória individual, expressar, acima de tudo, meu universo humano.

A memória constitui-se em patrimônio coletivo, mesmo que individualmente assumida e, como em tudo, concerne em primeiro lugar comunicar para poder existir; vale tanto para quem fala como para quem participa das palavras. Este patrimônio cognitivo, ético, estético e episódico é dito em público para que o narrador não fique angustiado por carregar sozinho o universo evocado.

Os seres animados e inanimados, os eventos triviais e, mesmo, os mais definitivos aparecem em lembranças, buscando se projetar nos outros, sabendo melhor de sua forma e conteúdo. Há uma visível preocupação em não deixar morrer nada, ou seja, em não deletar o mundo que passou diante dos olhos.

Não há, também, intenção em defender uma armadura teórica, senão apenas revelar realidades, mais ou menos



intimistas, de alguém que quer dizer: eu existo e penso em convivência, num tempo e num espaço.

As narrativas de diálogos evocados revelam uma persistente busca de sentido humano. As densidades que fluem da vida e da morte, querem revelar um significado, mesmo que se saiba pouco sobre o sentido absoluto das coisas. A moralidade, quase angustiante, ao perpassar lembranças, não renuncia a humildade. Tem-se, por vezes, a impressão que há um sonho que é difícil de acontecer. Em quase tudo se desenha, tão somente, a condição humana com a fundamental prerrogativa de, apenas, ter a certeza dos outros e de um mundo que se move, às vezes vivo, às vezes que se morre.

Parece, ao final de tudo, uma pobreza peregrina, às vezes de pouca fé e, às vezes de pouca caridade: assim o autor se apresenta nos sofrimentos e na própria morte. No meio da caminhada, porém, hinos são ditos, para espantar os fantasmas que se escondem.

E no meio de tudo se firmam certos significados, por mais provisórios que sejam. Há uma peremptória necessidade de se segurar na própria conversa para não perder a própria caminhada. Neste caso, não fala a voz de um cientista, mas de alguém que quer viver com determinada finalidade. Mesmo que esta seja apenas a possibilidade de estar com os outros e com a natureza, no meio de suas pobreza, virtudes e outras revelações.



Por fim, as narrativas se fundamentam em lembranças costuradas também pela fantasia. Não fora ela, os quadros não passariam de fotografias, possivelmente, enuveadas e comoventes, mas ainda de pouca expressão. Pela fantasia fala, ainda mais, a ternura, onde se agregam os sonhos.



MULHERES QUE EU VEJO POR AÍ

Muito cedo, era manhã de 20/01/92. Me pus a caminho: quem tem um duvidoso coração, deve caminhar. O meu não é confiável, por isso lido com ele de olho na estrada. Estas andanças têm me valido, mais que o cuidado, qualificadas aprendizagens. Se mais não aprendo é porque meus estudos são iniciais. Na manhã de minha formatura os grilos e os vira-latas serão meus convidados.

Na parada de ônibus, no final da Alfredo Chaves vislumbrei de longe um casal e me perguntei: o que fazem tão cedo na parada?

No marido se desenhava a degeneração do rosto. Uma cor lilás: a obstrução generalizada de vasos: da cachaça e do fumo não se salvam nem a memória nem a face. As vestes dele também revelavam o descuido. A mulher, porém, limpa e bela. Bem postas suas roupas e um corpo altivo. Uma fortaleza andava rondando seu corpo. No fundo, o sofrimento. Cogitei: está na frente, decidida, como um pelotão de choque.

Passei por eles de ouvido atento:

-Eu já falei, tu tá loco se perdê este trabaiio! Não vá fugi da raia. O menino carece de sustento. Eu sozinha não dô conta.

Ele olhava com um olhar de aluno que não quer saber da



lição.

Segui meu trote diário a ver se poderia ter uma visão mais deslumbrante. Fui dar na Vila Bom Jesus. Passei por uma das casinhas e vi uma mulher sozinha na vida. Havia conhecido ela numa reunião de escola. Numa casinha cheia de fumaça tentava prosseguir na vida. Nos entremeios da degradação quem sustenta a última esperança é ela: a mulher pequena que mal se aguenta de tanto frio no inverno, nos dias de chuva põe um papelão nas frestas e anima homens bêbados.



OS BOIS DO ANSELMO

A bagagem da alma traz, às vezes, um cálice amargo do qual não queremos beber. Me lembro do Anselmo. Encontrei-o numa das caminhadas feitas para segurar o corpo em ordem. Do alto do barranco apareceu-me, de inopino, o homem de rosto estranho, denominando sua confusão mental.

-O que estava escrito no carro que passou?

-CEE! Respondi.

Baixou do barranco e veio em minha direção propalando uma necessidade enorme de comunicação.

Estou nesta agonia, apenas pensando. Sou do interior de Marau. Me chamo Anselmo Lodi. Tinha uma terra coisa mais linda, e não foi que um desgraçado me convenceu de vender. Disse que a cidade era meu lugar!

Agora o senhor pretende voltar e não sabe como?

-Sei, sim! Tenho meus amigos e lá deixei meus bois. Entro em qualquer casa. Tem o Sagioratto e tem o Quivi... Na casa deles posso entrar pela porta da frente, fazer um chimarrão e sair pela porta dos fundos!

Parou repentinamente, parecendo ter uma visão. Num gesto rápido, erguendo as mãos à altura dos ombros, falou:



-Desse tamanho eram o Jardim e o Pintado. Um dia atolou um caminhão e me pediram os bois. Daí eu disse: se me machucarem o cangote dos bichos eu fico com o caminhão... Eu até falava com os animais. Dizia pro Jardim....Vastra, vastra boi. Eu dizia pro Pintado: Vamo boi! E eles fazia igual que eu dizia. Ao meio dia eu alisava o lombo deles enquanto tirava os carrapicho.

-Faz tempo que o senhor veio para cá, seu Anselmo?

-Faz, mas acho que os boi ainda tão vivo. Qualqué dia eu vô vê. Ah! Tinha também um cavalinho. Acho que ele também está vivo. Dei de graça... Não vendi. Ainda quero voltá! Eu vou voltá! Ainda sou moço. Tenho só 50 anos.

Foi aí que percebi que respirava mal, seu peito arfando com dificuldade.

Ao me despedir, falou.

-Eu dava pro jardim e pro Pintado o melhor pasto. O esterco deles era puro milho!



SOBRE UM GATO, UMA CORRUIRA E GENTE

As canções que se ouvem, à vezes, não são suficientes para diminuir o desalento. As dores não se regulam por qualquer intervenção. Nem o pássaro que ouvi cantar em Alecrim diminui a dor de uma perda. Disseram que o pássaro era argentino. Estava aí contrabandeando vozes.

Numa dessas manhãs antes da chuva: as nuvens túrgidas da minha infância vinham acompanhadas pelo canto austero dos tucanos. Agora elas vêm silenciosamente sozinhas, mais ameaçadoras. Não carecem mais de aves para derramar suas fontes. Nesta manhã das nuvens negras vi um gato, em desespero, buscando o alimento debaixo de pedras. Do outro lado delas vi uma corruíra voando assustada. Fui andando entre pobreza e vi uma casa pequena. Um lampeãozinho sobre a mesa e uma cadeira que eram todos os móveis: lugar do estudo, do café, da reunião e para se pôr os cotovelos e erguer as mãos ao rosto pra pensar. Foi o que vi de relance. As outras casas juntas continham um cachorrinho, os pardais, madeira amontoadas e cacos de tijolos: os sonhos quebrados de uma casa de verdade.

Seguir em frente era o que tinha que fazer. Ficar parado só debilita o ânimo. E não estarei buscando estrelas já desaparecidas? Disso quem sabe muito bem são os físicos. Dizem que a luz que hoje vemos representa a estrela há muito ausente.



Mas o caminho daquela manhã das negras nuvens não havia terminado. Em frente a uma casinha, que mal se segurava, um escrito quase apagado:

FASSE DOSSES

Apareceu a doceira na porta. Olhava horizontes. Sonhava entre açúcares. Invoquei o nome do Senhor em vão. Mas ninguém se salva de uma encruada pobreza por uma curta oração: não que eu saiba, nesta vida.

Saudei-a corajosamente:

-BOM DIA!

-BOM DIA!



OS MENINOS DA DIVISA

Para melhor compreender o vigor do limite na minha infância e ter, aí, a necessária humildade, vou avaliar um evento e, assim, apreciar um pouco o lado obscuro das coisas e da condição humana.

Como os meninos da Linha Divisa se sentiam poderosos no mês de novembro! E eu apenas, como objeto cultural imitando tudo, construí minha espingarda de taquara. Tirava-se um gomo verde maior do bambu e um galho menor que o penetrava. Verdes os frutos do cinamomo a fechar as extremidades, lá íamos experimentar o poder da pressão, ameaçando quem tivesse a nosso alcance. Nosso poder se engrandecia.

Era dia dois de novembro e vinha o senhor Wolf, ancho em seu picaço vermelho. Quase uma montanha dirigível, e nós, um pequeno exército de tocaia. Ao passar aprontaram-se as baterias e, repentinamente, descarregamos nossas armas. Meu Deus! Percebemos exatamente o quanto havia distância entre o nosso poder e o dele. Quando ele girava seu relho poderoso sobre as cabeças infantis, nós nos sentimos finados, julgados e sepultados. De meninos poderosos, passamos a pobres mortais indefesos. Nossas pobres roupas se molharam. Aprendi que cavalos e relhos podem mais que meninos com pequenas armas. Assim se faz na infância e a vida toda, cujos apelos e fracassos se repetem a vida toda: vai-se aprendendo sobre os cuidados.



ALEGRIAS PASSAGEIRAS

-Olha lá, vó! Olha só!

-Que é piá? Tá sempre me assustando!

-Olha lá! As flores do pé de pera!

Era meados de abril, e o inverno já expiava a casa. E tinham pressa as ondas que vinham da Argentina.

A mãe olhou e também se admirou a brancura em flor.

-Pois é, guri. Também não tinha visto isso. O que querem estas florzinhas sem medo do inverno?

-Mas vó, e se vier o calor?

-Vem não! O inverno é mais certo que as flores.

-É muita coragem, né vó!

-Vai ver que o pé de pera, de velho que está, já não sabe mais quando é tempo de florescer.

-Ou sabe e criou as flores só prá bonito.

-Vai ver que é.

Isto que é posto sobre o menino, a vó e o pé de pera aconteceu em frente à casa 435 da rua Benedito Pinto.



Ao ensejo da pereira narro o que eu mesmo assisti, por estes dias em que ficam um pouco mais reflexivos. Terminava uma das aulas do CREATI.

-Professor.

-Sim!

Hoje estou na pior!

-Mas ontem lhe vi tão elogiosa da vida?

-Foi! Mas hoje, não sei porquê, eu fico assim quando me bate uma tristeza. De repente, os olhos ficam sem luz eu fico desse jeito.

Passei a mão nos seus cabelos, expressando solidariedade.

-Mas vou melhorar, professor!

Contei-lhe sobre a pereira que floresceu.

-Deseja isso pra mim, professor!

Desejei!

Sei, minha comunicação foi tosca.



MODELAGEM

Percebi, por aqueles inícios dos anos 90, que as frustrações possuem também os seus encantos. No trivial acontecimento de um peixe que o rio retoma, da caça perdida e de um esforço inútil, pode haver singularidade.

Vinte idosas do Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade tentavam, pela primeira vez, pôr uma intenção na argila. Um caneco de alumínio, um chinelo velho ou uma tigela serviam de objeto inspirador. As memórias e a argila tentavam se aproximar. Descida a inspiração e comovida a mão no trabalho, levavam ao forno para que perdurasse a memória antiga centrada no objeto modelado.

Dona Iolanda esforçava-se mais que as outras sobre a resistência da argila. Por mais carinhosa que fosse a mão e densa a inspiração, o barro não lhe obedecia. Foi uma tarde de repetidos gestos sobre o barro desobediente. As outras, por terem um barro versátil e solidário, ao conseguir impor sua vontade, iam até o forno para que o calor desse a forma permanente. Uma dor brotou de Iolanda. Desanimada entregou-se à frustração: não compro mais nada naquela floricultura!

As outras, ao final do argiloso processo, mostravam as formas duradouras e, com exclamações, exaltavam sua aventura nos barros. Suas ideias comunicadas animavam os sentimentos



e o corpo inteiro: nos seus olhos havia claridade.

Solidárias, olhavam o barro indisciplinado de Iolanda. Ela dizendo de sua intenção e admiradas reconheciam a estética inconclusa. E... jamais, em lugar algum, o barro foi tão humilhado. Lá estava ele dividido, quebrado... feio, mas independente.

Dias mais tarde, Iolanda buscava alívio nos comentários dos outros e, mais uma vez, o barro indócil foi amaldiçoado. A filha, solidária, ouvindo-a: ô mãe, sei onde existe uma argila de primeira.

Obrigada, mas não me ponha os pés naquela floricultura!



ANIVERSÁRIO DE PROFESSOR

Estava no vigésimo ano de seu ofício. De manhã pensou: quem há de se lembrar de meu aniversário? A mulher e os dois filhos vieram com bons desejos ainda de manhã. De presente um par de meias, para variar, que no ano passado recebera um par de cuecas. Todos já se cansavam da mesma expressão: o dinheiro está curto. A greve não resolveu o aumento. A sua esposa já havia sugerido que abandonasse o magistério, mas parecia empacado em sua vocação: ganho pouco, mas me alegro com meu ofício. Quando, porém, viu os pijamas puídos dos filhos, pensou que poderia deixar de ser professor. Afinal um corpo se mede também por suas vestes. Ficou em conflito entre sua literatura e a pobreza. A mulher foi ter com ele enquanto corrigia as provas e falou-lhe.

-Olha, fui ao médico pelo Instituto de Previdência do Estado. Ele pediu para aplicar uma série de vacinas para proteger a garganta do Henrique.

O professor se deu conta de que o dinheiro do mês já havia se esgotado. E era apenas o dia 20 do vigésimo ano de professor. Sentiu-se traído pela escolha que fizera e sem saber a razão passaram-lhe pela mente versos de Drummond:

Chega o tempo em que não se diz mais: Meu Deus!
Tempo de absoluta depuração.



Tempo que não se diz mais: Meu amor.
Por que o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Foi assim que se conformou à nova ordem das coisas e disse à mulher.

-Vou pensar no necessário.

Ao corrigir a última prova lá estava alguém que não havia se esquecido de seu aniversário. Era a filha de seu amigo Onofre e, mostrando o quanto aprendera de suas lições, escrevera ao final da prova:

Quero que tua alma sinta
A tênue luz de uma estrela linda,
Que paira sobre o dia de teus anos!

Deu-se por satisfeito e dormiu, deixando, mais uma vez, para outro dia a decisão de abandonar o magistério.



UM MOTORISTA

Tenho uma impressão gentil dos motoristas. Uma das minhas alunas de psicologia explicava-me dizendo que seu pai trabalhava na EMBRAPA e, ao perguntar-lhe qual era sua atividade de pesquisa na entidade, disse-me sem se pejar: ele é motorista!

Mais admirei sua franqueza e respeito pela atividade do pai. Por certo era um homem de respeito. Ou teriam os motoristas a habilidade de ver melhor as direções a tomar, emprestando aos filhos o caminho da bondade?

Nas minhas andanças tenho encontrado vários deles e um, entre todos, se destacou pela sabedoria e o bom ânimo que se punha em sua boca. Numa das viagens que me conduzia para tratar dos mais velhos, sobrando alguns minutos foi, orgulhosamente, mostrar o parque de máquinas de sua cidade:

-Olha só! Tudo limpo... Estes dois caminhões e a patrula são novinho em folha.

Animei-o com um elogio pela ordem em que estava o pequeno parque.

Fomos andando e ele:

-Não repare o calçamento. Estão pondo o encanamento e o esgoto. Vão asfaltar. Aí sim, com as ruas todas lisinhas, a



cidade vai ficar ainda mais bonita!

Na volta falou de seu ofício.

-Olha! É um respeito. Todo mundo dá passagem quando dirijo uma ambulância. Mas, também tem lá dificuldade. Ainda, semana passada, eu transportei um menino morto! A mãe estava acompanhando. São cavacos do ofício. O bom mesmo é trazer sãzinha a pessoa que está doente...

E filosofou... tem disso... a morte espia a vida.

Lá pelas tantas falou como pai de dois meninos.

-Às vezes eu digo para o maiorzinho fazer isso ou aquilo. Nunca precisei dar um tapa.

Vi, então, que as crianças não se criam de discursos. A educação é uma tarefa concreta.

Ao chegar em Passo Fundo fez uma volta a mais, só para mostrar um amigo seu.

-Você precisa conhecer este irmão do meu sogro. Gente fina.

Foi andando devagar, querendo reconhecer a casa.

-É aqui. Aqui ele mora. Ele é uma paz.



UMA FIGURA HUMANA

Vou me ocupar de um considerável tipo humano do sexo feminino. Dizia-me um amigo que quando Deus programa o insondável ser humano, por vezes, se distrai exagerando em alguma característica. É o caso da mulher que faz parte de minha coleção.

Nascida em pequena comunidade junto a matos e águas o que contribui também para nascer o belo e o bom. Cedo veio para a cidade atrás de negócios. Como balconista dedicou-se a louças, ferragens, fogões, talheres, panelas, tintas, vidros, pregos foi o que destacou das ferragens que vendia. Negociava armas, munições, tecidos livres, confecções, felpudos, estampas, livros e tudo o mais que pudesse despertar qualquer cobiça. No carnaval não faltava lança-perfume, lantejoulas, serpentinas e confetes. No serviço do comércio praticava tarefas auxiliares ao serviço principal: foi bordadeira, a primeira pessoa de Passo Fundo a riscar lençóis, toalhas, cortinas com o método antigo da chapa e para completar ternuras foi cuidadora de todos seus irmãos. Nas artes apaixonou-se por piano e violino. Ouço-a dizer: no teatro fui elogiada como artista. Foi estudante: no curso de ginásio e de contador amealhei cinco medalhas. Cursos menores foram feitos e bem feitos: corte e costura, pintura em tecido e azulejo e até entalhes eu fiz. Eventualmente tiro da madeira algum santo para proteção de meus amigos. Hoje faço



a Arte de Viver a Terceira Idade.

Das tarefas sociais é que mais colheu dividendos. Tanto fez e tão bem que acabou presidindo a ordem de São Francisco. Está na Conferência Vicentina onde é a 1ª Vice-presidente e a 2ª secretária. Atualmente preside a Cultura Artística, na qual faz sócios, devido a sua persistência em convidar. E foi indicada pelo ex-presidente desta sociedade como a mulher mais chata do Brasil, opinião compartilhada pelo sr. Bispo, Dom Urbano.

Vi sua paixão demonstrada por um antigo namorado e brilhavam mais seus olhos que todos os olhos jovens de minhas alunas. Vi também seu desânimo quando disse: professor, acabou!

Continuando: Você disse que ia ser sócio da Cultura Artística!

- Não tenho tempo agora, respondi.

-Mas é só dois minutos, nada mais...custa apenas...

-Confesso-me sócio.



UM DOMINGO MAIOR

Neste domingo, finais de agosto, ainda entre frios das manhãs, narro duas cenas tão ternas como plantinhas nascidas entre cardos e sombras; dessas que poderiam morrer na metade do caminho, por não terem suficiente saúde.

Saindo da igreja uma velha, segurando-se piedosamente na vida, cantava, olhos postos em algum lugar de sua fé, donde tirava uma imaginária satisfação.

Tu, minhas mãos solícitas,

Meu cansaço que a outros descansa

E meu amor, que queira seguir amando.

Tu, pescador de outros lagos,

Ânsia eterna de homens que esperam.

Meu bom amigo, que assim me chamas.

Navegadora pobre, pobre navegadora dos mares de fé.
Puídas roupas e limpas, porém, grandeza em seu rosto. Olhei-a



como companheira de mares juntos navegados. Sorriu como expressão de sua felicidade. Naquele dia, dei para ver pobreza.

Pouco tempo depois, andando na av. 7 de setembro, entre os pequenos negociadores, diante da rádio Uirapuru, vi uma cena e ouvi um diálogo. Um caboclo se entristecia na venda de sua violinha. Foi assim: uma violinha envelhecida e o pau da violinha todo usado. Por que vendia o caboclo a sua violinha toda usada? Segredos entre os dois haviam sido feitos e mágoas choradas tiradas das cordas.

Veio outro caboclo, perguntando:

-Quanto?

-Vinte paus, leva!

-Caro!

-Mas é boa.

-Está velha.

-Só um pouco usada.

-Por que tá vendendo, se é tão boa?

-Doença.

Não mais acompanhei o proseado. De longe ainda ouvi: leva logo.

Passando adiante, olhei para trás, vendo o caboclo vendedor sem sua violinha. Naquele dia, dei pra ver pobreza.



ENTRE FILÓSOFOS, COLONOS E PESQUISADORES

Um dos amigos é um filósofo que não se intimida de avaliar as causas primeiras, a natureza, o destino das coisas e entre estas o ser humano. Disse-lhe que meu saberzinho mal dava pro pão: mais parecia eu um sofista, vendendo por um salário umas ideias em torno da pedagogia: um auxiliar da educação. Brincou e sentenciou quando disse haver um pensamento mágico em todo o educador. Preferia ele fazer projeções maiores sobre o homem e estava seduzido por grandezas de ideias e o sentido do ser e do existir.

Foi, então, que lhe disse: sou menos pretensioso. O meu entendimento não vai muito além da esquina. A devoção pelas últimas e primeiras causas e consequências são necessárias, mas me faz perder o apetite de uma pedagogia para os pequenos e mais velhos.

Cada um se satisfaz com o tamanho de sua alma, concluiu, manifestando o enfado pela trivialidade de minhas proposições.

Outro dia encontrei o Godofredo, aonde não se lia mais que os sinais de sua aldeia. Pode ser que seus enunciados não tenham mais valor que um pingo de orvalho, mas quem há de saber o real valor do que se fala?

-Ói, homem do céu, aqui as alegrias e as preocupações são pequenas. Cada um tem pouco mais que sua lavoura. Até se



a porca dá uma boa cria é motivo de grande satisfação. Agora com o plantio direto a minhoca existe mais, os peixes e os pássaros estão voltando. O mel e a laranja estão sobrando de novo. E estão chegando umas sementes novas que, de tão boas, a gente vai colher ainda em cima das pedras.

Para onde se olhasse havia opiniões diferentes sobre a vida. Isto que nem citei a conversa que ouvi no sermão de domingo: quem salva é a fé, o resto é passageiro. Bem diferente desta, foi a do pesquisador que mostrava seu campo de experiências, acarinhando a tenra planta: é a última geração do conhecimento.

Quem mais tenha razão, ou se todos, um dia há de se ver. Mas de todos os jeitos que se olhar é gente especial.



ALGUNS DE MEUS AMIGOS

Dentre eles, um é grande sonhador. Tanto acredita na vida eterna, como num justo sistema social aqui na terra. Me disse que gosta do seguinte texto de Borges: os lavradores puderam vender suas espadas e comprar bois para o arado de seus campos. Fizeram sacrifícios, oraram no alto das montanhas e se regozijaram durante o dia cantando atrás dos biombos. É o mais pacífico e cristóforo de todos. Se a graça do Senhor não estiver com ele, então, retiro, decepcionado, meus encantos das vinhas e das roças.

Outro deles é atormentado pela concupiscência da carne que já não pode atender como antigamente atendia. Ele é como aqueles do pensamento de Borges: em barcos avariados e sem firmeza afrontam, noite e dia, a tempestade. Seu objetivo não é favorável. O impulso acompanha-lhe pela saudade e o momento não lhe favorece mais. Conta sua glória pelas mulheres que teve. E as teve tantas como cachorro quente nos aniversários das crianças. Tentei explicar que ele é muito reducionista. Riuse de minha ingenuidade.

Tenho um deles que é político. Sonha alegremente com o poder. Não tem muito perfil: generoso e ingênuo demais. Seu peito fica instigado ao pensar numa candidatura. Gostaria tanto de oferecer-lhe uma prefeitura. Ele é uma ótima companhia, pois sempre avança seus pensamentos na direção dos outros.



Diria que lhe falta a necessária esperteza, pra saber distinguir quem são os verdadeiros amigos. Mas, eu louvo a natureza humana por criatura tão nobre.

Por fim descrevo aquele que é mais simples que um pardal. Uma simplicidade quase infantil veste-lhe o ser. Tem um riso fácil nas brincadeiras. Tem virtudes que afloram sem esforço. Uma criatura original, sua forma humana está em extinção.

Não consigo imitar a nenhum deles, seja porque envelheço – montei meu jeito de andar – ou porque demasiadamente confiantes alguns, outros, exagerados.



O CAIXA E O SURDO

Nos diz Adélia Prado: quem não tem paciência perde o céu e a margarida do campo. Comprovo por aquilo que vi esta tarde.

Entrei numa fila para pagar uma conta. De uma a uma, as mulheres mais velhas demoravam a ponto de causar a maior irritação. Como faz muito mal esta tensão, pensei em removê-la, meditando sobre o dia que passava e o que já estaria a merecer uma crônica. Seria o despertar? Seria o aprendizado sobre a maneira de extrair power points dos sites? Seria a caminhada da manhã?

Mas, então, via que aí neste momento se apresentava um imperdível aprendizado. O caixa explicava a uma das velhas senhoras que seu dinheiro não existia. Via nela a tristeza por não encontrar seu rico dinheirinho em conta alguma. Via a paciência do caixa, dizendo que não podia resolver o seu drama. Por diversas vezes esclareceu que poderia tirar melhor a dúvida com uma secretária, apontando para qual delas deveria se dirigir. Por ver o que acontecia, me acalmei e até lembrei de uma outra conta atrasada e, era hora ainda de pagar. A paciência do caixa estava resolvendo meus problemas.

Não bastasse o fato da velha, na frente estava um surdo, pagando um débito. A crônica andava cheia de revelações.



Paciente como um Buda, o caixa atendeu, somando todos os trocados que iam sendo alcançados, sem ordem. Como os valores de papel não completavam, o surdo puxou muitas moedas, devendo somá-las àquelas que rolaram pelo chão. Tomei como exemplo o heroico caixa, pensando em trazê-lo para o convívio das minhas atitudes. Avaliei também a paciência do rapaz surdo. Teria eu sua paciência se meu mundo fosse silencioso?

De três vezes em que ainda, no dia, fui obrigado a ter paciência, apenas me intranquilei numa delas e, contidamente trouxe de volta minha paciência, acompanhada pelo meu herói do dia e pelo surdo.

Igual à paciência do caixa somente a das professoras de vilas com seus pobres alunos.



SELVAGENS, BÁRBAROS E CIVILIZADOS

Quando meninos e meninas do Rio Grande do Sul, pelos idos dos anos 40, estudavam Geografia, faziam a divisão dos povos em relação ao seu desenvolvimento social e físico.

E dizia o livrinho de Geographia Elementar de Souza Lobo, da editora Selbach:

Os povos em relação ao seu desenvolvimento social dividem-se em:

1- Selvagens – Bárbaros – Civilizados

1- Povos selvagens são aqueles que ignoram ou conhecem imperfeitamente a arte de escrever e as outras mais necessárias à vida, mantendo com as outras nações mui poucas ou nenhuma relações.

2- Povos bárbaros são aqueles que conhecem as artes mais necessárias à vida; têm polícia e magistrados; tratam com outras nações; mas não tem língua polida nem legislação bem concebida.

3- Povos civilizados são os que têm língua polida, legislação bem concebida; governo activo e providente; e as sciências e as artes em grande estima.

Junto a este discurso atrai a anotação do professor



primário:

“Civilidade é um certo grau de educação que facilita ao homem o viver em harmonia com o seu semelhante”.

Retorno ao tempo de criança onde via tão ingênua e perfeitamente todas as coisas. Entendia-me um civilizado. E agora, acabrunha-me a ideia de não me ter mais entre eles. Não tenho um governo ativo e providente, nem legislação bem concebida, menos polida é minha língua e pouca estima se tem pelas ciências e pelas artes. Não falo da minha indignação sobre formas antidemocráticas da distribuição do poder. Isto aqui mais parece uma pátria da política pública interesseira

Sou selvagem e possuo algumas características bárbaras.

Conhecemos imperfeitamente a arte de escrever. A polícia corrompe-se com facilidade e a magistratura é frágil. Temos com outras nações mui poucas relações. Habito entre selvagens e bárbaros. Sou um selvagem e a quem me julgar um bárbaro, devo agradecimentos.



O FORNO

Ao pão nosso de cada dia que nos é dado hoje, falta-lhe o ingrediente lírico de sua fábrica: o forno de barro.

Uma das tarefas dos meninos era fazer o fogo no forno. Disto lembro com pouco agrado, porque feria as costas das mãos contra a fuligem e a argamassa de sua boca. Era o ritual do sacrifício antes de o pão ser dado como recompensa. O cerimonial do pão não se resumia no fogo do forno. Um costume italiano, traduzido por minha mãe, era fazer a massa e, uma vez batida, uma cruz sobre ela.

Arte, todavia, era o de fazer fornos, pois de sua arquitetura resultava a conservação do calor e, diziam, até o gosto do pão. Uma mãe de família não se conformava em ter um forno qualquer, pois que o encanto dos filhos e a personalidade dependiam do gosto do pão. O aldeão que tivesse um forno mal feito punha em risco a ternura, a capacidade erótica da mulher e a educação dos filhos. Assim, para não se tornar uma mãe incapaz e uma mulher insuportável, exigiam do marido uma ótima construção.

Conta-se que na Linha Bom-fim de Santo Cristo, casou-se o senhor Fridolino com sua exigente Magdalena. Conforme os costumes, ele sabia muito bem que a ele cabia a tarefa de providenciar pelo forno. No meio da constante pobreza e da



grande exigência, havia que ser criativo. Não havendo tijolos, improvisou com pedras.

Foi ao rio e trouxe as melhores pedras roliças e, no afã de construir, esquecera-se da grande capacidade de dilatação do material. Durante dois dias, escolhendo as melhores e agregando comedidamente o barro, medindo os ângulos, apresentou-se finalmente uma construção cuja abóbada fechava-se com perfeição. As pedras dos cantos e dos lados se avizinham e, finalmente se fechavam ao alto, dentro dos mesmos princípios arquitetônicos da basílica de São Pedro. Orgulhosamente apresentou à sua amada sua perfeita obra de arquitetura, buscando dela obter fartos elogios e outras coisas mais. Magdalena, enquanto crepitava o fogo, já alinhava os pães sobre uma tábua limpa junto à boca do forno.

A pobre mulher e o desesperado homem mal se contiveram de dor quando explosões e mais explosões jogaram à distância os pães e as pedras. E, como era de se esperar, Magdalena austera lhe disse que não se metesse em fazer do que não entendia. Por dias a ternura se distanciou do casal.



O PORÃO

Parei de mexer no porão. Ressuscitava a vida de tantos anos. É como se tomar nas mãos o que passou, e estar de mãos vazias.

De uma caixa tirei os patins e desfilaram as vozes e os fatos todos que por eles tiveram vez. Os sustos e os risos ainda se prendiam nas rodas. Rodavam ainda, mas sem as pequenas meninas a impulsioná-los. Quando os limpadores removeram a antiga estante dos THEMAS me senti menos que um passarinho. Os acontecimentos refluíram, retomando a vida que tiveram. Ao ver o carrinho das bonecas, saí do ambiente, que não dava mais. A intimidade de um porão possui reservas que, quando repentinamente expostas, se torna tão vigorosa que um pai não suporta.

Me afastei daquilo que ainda fazia parte de mim. O trabalho de reviver é pesado demais. Os acontecimentos de outrora vinham aos poucos, cada um tendo sua vez, mas agora, todos juntos, em forma de saudade: era demais.

Os limpadores iam levando tudo, sem reverência. Um deles olhou um dos livros, pedindo se poderia levar. Olhei e vieram duas lembranças de vez. Falei rapidamente: leve e leia.

Depois fui para um canto, quieto, tomar chimarrão, tirando uma prosa comigo mesmo: o passado tem seu peso e



seu volume. Pode sufocar. Falei ainda: o melhor que se tem a fazer é tocar a vida segundo a segundo. O passado não é apenas um eco distante. Ainda bem que existe um consolo em cada objeto visto. Carregavam esforços em busca de excelência!

Sorvi o último gole, quando chegaram as duas filhas e a mãe. Foram comprar um sapato novo e uma roupa. Articulei umas palavras, acariciando o tecido e os sapatos.

-Ó, pai! Comprei também este carrinho pro meu bebê!

O futuro agora, também entrara em questão.

Lembrei-me de uma oração inca:

Que permaneçam sãos e salvos

Com seus filhos e toda sua descendência;

Que vivam longo tempo, e jamais morram jovens;

Que comam o milho e vivam em paz.



NAS ALDEIAS: RIR PRA NÃO CHORAR

Pode-se chegar a um ponto de dizer: só a luta ingente será capaz de conceder um homem melhor, pois a Europa descarregou sua gente pobre por aqui, e nós, pelo exemplo dado pela história portuguesa, continuamos a nos ver como colônia e a nos maltratar.

Exemplificando o que digo, continuo a crônica: um amigo meu, nascido na Espanha, alugou um imóvel de outro amigo meu, nascido na Itália. Em conversa informal, meu amigo espanhol me disse que o meu amigo italiano não era flor que se cheirasse e, para provar o que falava, enviou-me um relatório com a seguinte recomendação: para que veas como se escreve la história.

Relatório do espanhol sobre alguns dos problemas acusados no seu imóvel comercial, dirigido ao meu amigo italiano, relativo ao período de 01/12/90 a 10/03/91: no intuito de poder solucionar, de vez, as dificuldades surgidas neste período por causa do aluguel de sua propriedade, me sinto na obrigação de fazer este comunicado, por escrito, visto que oralmente não aparecem resultados efetivos.

Logo a seguir “nombrava el hombre mui claramente” todos os vazamentos e suas consequências, em 14 chuvas, com seus respectivos alagamentos.



Continuava: este problema é sumamente grave na sala comercial, aonde levamos três meses sem poder abrir ao público e a chuva estragando o estoque de 25 bolsas de açúcar.

É interessante destacar que no último diálogo mantido com o senhor foi decidido o envio de um técnico, mas o depoimento dele foi que morava perto e esperaria que chovesse novamente para ver o problema in situ.

Após esta data choveu mais 5 vezes e o técnico não apareceu.

Outras queixas são expostas no relatório. A mais grave dizia que o problema tinha sido solucionado, mas o técnico tinha posto barro nos vazamentos... além da água veio a sujeira.

Finalizou o espanhol: existem outras questões importantes para resolver, mas pensamos que já é suficiente o que está apontado acima. Isto é tão grave que necessita uma rápida solução antes de obrigar o inquilino a tomar outras decisões que sempre são incômodas para ambas as partes.

Pero que si pero que no, ai que hacerse una más digna exposición en las relaciones humanas. No es possible tenerse un perro en las calles con tales decisiones.

A data do relatório poderia ser de 1492 até 1992, mudando apenas o nome dos locatários e os incômodos aqui produzidos. Por isso temos saudades de um lugar bucólico e ingênuo.



DA LEITURA INESQUECÍVEL

Parte de minha vida é dedicada às escrituras, por certo pouco sagradas, mas por dever antigo. Disso testemunho: fazia dias que minha mãe firmava posição de me cobrar uma leitura a ver de como andava nesta arte e obrigação: quero ver se tu é capaz de juntar as letras e as ideias. Quero você um homem estudado e não andar bobo por aí, sem saber o que dizer e o que fazer da vida. E completou: não vai pensar que vou permitir de tu andar vadiando na escola; e filho meu é pra saber. Eu sabia, se não apresentasse uma leitura conformada à excelência, podia contar com umas palmadas, no menor gaguejo. Dizia ainda ela: traseiro leva a lição se a cabeça não aprende. Batia firme, por saber que estava educando.

Vinha eu, sabedor de suas certezas, preparando um texto e abrindo, à força, o livro de leitura para que viciasse na página escolhida: o 3º livro das leituras escolhidas. A palavra da educadora, a mais bela/austera/sincera/convicta, veio, numa noite, em minha direção e já sabia o que queria.

-Vai pegar o livro, guri.

E eu a rezar: tomara, meu Deus, que caia na página do papagaio. Treinei sozinho, abrindo e fechando. Dava certo. Não é agora que vai falhar. Já imagina se cai na página da Riqueza do pobre, que mal tinha visto.



À luz do lampião, um silêncio de todos meus irmãos, sabendo do perigo. O cusco ao pé da mesa esperando uma migalha, humilde, que dela se contentava.

Ofereci o livro fechado: a senhora quer escolher?

-Abre em qualquer lugar! Estou ouvindo!

Fiz a cena, deixando que o próprio livro indicasse sua vontade que era uma só. Lá estava a figura cinzenta do papagaio, preso ao toско galho. E lasquei como uma metralhadora:

O papagaio

Quem haverá quem não conheça o papagaio a ve parladora por escellência? O papagaio é uma ave trepadora... O cusco saiu ganindo, entendendo que a gritaria fosse para ele. Minha mãe olhou-me, convencida que em sua frente havia um gênio. Vi seus olhos brilhando, à luz do lampião.

Chega, que o Nero é capaz de ter um troço.



DECEPÇÃO RELIGIOSA

Meu Deus que te tornaste homem igual a nós! Assim orávamos, quando muito pequenos.

Era manhã e na pequena capela, que para mim era enorme, estava exposto o cálice coberto por guardanapo de linho: Aí o pão da vida, dizia o celebrante. Isso só acontecia quando o padre Gallas visitava Linha Divisa. Minha mãe falou convicta: vão rezar que Jesus está de fora e assim pode atender melhor o que for pedido. Sempre fui pidão a vida toda, pois que sozinho nada se consegue, lá fui eu pedir. Meu Pai! Quando vi que por debaixo do pano de linho se via o cálice e nada mais, foi aquela decepção. Julgava encontrar, ao menos, os pés de Deus e por pequenos que fossem, poderosos seriam, pois o poder não se mede pelo tamanho dos dedos, mas pela autoridade de seu dono. Nem pés o Senhor possuía. Rezei sem convicção e decepcionado. Mais uma vez a realidade traiu minha fé.

A fé, por sua vez, pode trair a caridade. Isto eu próprio tento provar com o seguinte evento.

Preparavam-se os meninos para a primeira comunhão. E precisavam de muita fé para ver o infinito e perfeito Ser num pequeno pedaço de pão. Cantavam os meninos. Cantávamos a Ave-Maria e eu, com meu bocão e a voz fora de tom, demonstrava toda fé na Mãe protetora. Aí, quando o dirigente arrancou



de minhas mãos a folha diante de todos, foi o fim. Terminou com qualquer sentimento de solidariedade. Minha fé sentiu-se enxovalhada pela falta de caridade. Descobri, humilhado, que, quando uma é muito grande, a outra pode ser pequena. Mas, aprendi uma virtude: silenciar quando não se tem competência.



NO ENTERRO DO SEU MADERS

Nem sempre os fatos a nos acontecerem são tão poderosos assim. O medo, a ignorância e a fantasia, então, ditam regras mais que as medidas da realidade. Levava eu a cruz em procissão para enterrar o velho Maders. Ao alcançar o cemitério rebenta o último botão da cueca. Duas mãos presas ao grande crucifixo. Puxar a cueca para cima não seria um gesto adequado diante de tantas lágrimas. Imaginação e medo... e se descerem até aos pés? Minha cueca dada ao público diante do defunto e das lágrimas... uma profanação. Andei de pernas abertas a ver se não descessem... temia o absurdo. Meu grande serviço, na procissão do morto, se perderia.

Finalmente, postei-me frente à cova e, para salvação da fúnebre solenidade, minha cueca acavalou-se na minha calça. Percebi, então, que meu pavor tinha remédio. Orei fervoroso para que a pobre alma tivesse descanso e que Deus olhasse para a minha sofrida situação e se compadecesse de qualquer pecado, livrando o pobre homem do purgatório, o que não poderia ser pior do que a sensação de perder cuecas numa procissão.

Ao chegar em casa, reclamei pra minha mãe. Enquanto com paciência repunha os botões na cueca, falava: escuta, foi o pavor que não te deixou pensar. Outra vez, veja melhor o que está acontecendo!



PODE CUSPIR

Todo dentista teria a obrigação de ser um bom contador de histórias. É o que poderia fazer enquanto o seu paciente está apenas de boca aberta. Entre uma história e outras uma recorrente solicitação:

Pode cuspir!

O cliente se livra de todo material dispensável. E continua a história e o zunido da broca está sendo aliviado pelo desvelo da palavra. Bem, então, além da habilidade profissional tenha uma linguagem interessante onde se avolumam duendes, fantasmas e o fantástico cotidiano. Conheço, daqueles que operaram nos meus dentes, alguns excelentes narradores. A certeza deles era de que uma boa conversa cai muito bem diante do sofrimento. Para depois dizer...

Pode cuspir!

E a pacienciosa atividade continuava. Narro uma conversa: “meu avô era um homem bom. Na mesa ninguém conversava. Dizia o velho: o apetite pode ficar perdido diante de uma discussão ou por alguma palavra menos educada. Era interessante: todos se concentravam sobre o alimento, quase uma reverência para a cozinheira, minha mãe. Havia uma silenciosa fraternidade. Depois ele ia para a varanda e olhava o horizonte, tirando, aí mesmo, um cochilo... Entre as duas e três



horas, no verão, ia ver, um por um, todos os animais”.

Pode cuspir!

“Como ia dizendo... o velho era cheio de bondade. Todos os vizinhos podiam contar com as atenções do meu avô. Mas lembro dele em toda a sua austeridade... era austero... não sabia brincar. Daria para apostar a ver quem dos seus netos o tivesse visto se divertir...”

Pode cuspir.

Tirou o molde da coroa com uma impressionante precisão e aí confessou: “também eu desde criança senti o peso da culpa.”

Se fez um rápido silêncio, enquanto avaliava em si os efeitos do avô e continuou: “a severidade pega! Me sinto domesticado pelo respeito”.

Pode cuspir!

“Dou certas demonstrações que imitam o meu avô”. Se fez silêncio, enquanto ele ruminava lembranças. Percebia seus cuidados consigo mesmo.

Havia uma concentrada bondade na habilidade em arrumar meus dentes. Aí pensei que, além das histórias, pode o dentista arrumar sua alma e cuspir seus desgostos.



ESPERTEZA DE PIÁ

Enterrar os mortos é um ofício necessário. E também erguer pequenas construções para não esquecê-los. Assim todos os costumes: se fazem pela necessidade, se mudam pela comunicação e se seguram pelo costume. Me comove ainda hoje um pequeno túmulo de criança que vi, em Roma, onde estava escrito: Mater fecit! Pode ser que me equivoque no sentido da inscrição: foi a mãe que fez, filho! É a última ternura que posso te dar!

Pois em Santo Cristo não era diferente. E tinha um fazedor de túmulos que ia de lugar em lugar do município, erguendo pequenos templos em memória.

Meus sentimentos não estão me guiando bem na direção desta crônica, que é sobre o filho dele. Agora vai! O fazedor de túmulos trazia seu filho de companhia. Menino esperto! Muito esperto! Se o ofício do pai lembrava a morte e a saudade, o filho lembrava a vida, o jogo e a esperteza. Jogava bolinha de gude como ninguém! Nas Linhas por onde passavam, enquanto o pai punha nas pedras a memória, o piá levava as bolitas de toda gurizada. Sempre aparecia um valente do lugar querendo tomar as bolinhas do menino que assim ia amealhando mais e mais. Correu notícia que de tanto ganhar havia engendrado um jeito esperto: perdia no início para atrair a vítima e, depois, pelava de vez o incauto. E como nada se oculta nos pequenos lugares, isso



também não se ocultou.

Por aqueles dias chegou na Linha Divisa o tal do menino, acompanhando o pai a cumprir com seu ofício aí no cemitério. Eu já era sabedor da esperteza do piá. Fui ter com ele com algumas bolitas no bolso. Resolvi jogar, até ele perder as primeiras e fui logo falando:

-A mãe disse prá eu ir embora!

-Não ouvi ninguém chamar!

-É, mas ela falou.

-Tu tá com medo é de perder!

-Minha mãe é assim... ela fala e a gente obedece...senão...

-Senão tu apanha dela!

-É... é isso!

Fui me retirando, não sem antes ouvir dele palavras pouco recomendáveis. Levei cinco bolitas do maior jogador de Santo Cristo.

Assim fui aprendendo a esperteza no meio dos acontecimentos, onde se engendram habilidades pouco recomendáveis, bem a gosto nacional. Estava assim aprendendo estas levandades, quando me dirigi ao seminário e nesta forja fiquei só um pouco diferente.



CRIANÇAS

Elas vão forjando o modo de ser. No andar do próprio passo e dos convites que a vida faz, vai se fazendo o tecido com o qual a alma se veste... Os mais jovens pela novidade do pensamento, vão se achando onipotentes. Os mais velhos de tanto perder aparências, vão aprendendo a viver da simplicidade, rindo-se por estarem vivos. Os poetas e as crianças vão juntando o mundo desconexo com cacos coloridos. Em outras palavras: as crianças e os poetas criam desenhos azuis a partir de janelas partidas.

Que se juntem os fatos para provar a estética infantil.

O cardeal lavava suas penas em água cristalina e o seu topete vermelho refletia o sol nas gotas que secavam. Não era esta a cena que comovia a assistência. Um menino, ao lado, ria de prazer por ver a cena do banho do pássaro.

Outro dia vi um vira-lata, uma prosaica forma canina. Quase desaparecia tão rápido seu andar. Um enorme pastor raivoso roncava, dizendo-lhe que este caminho não era o seu. O pequeno cusco não percebia, entretanto, a corrente da fera. Adiante o vi protegido, junto à gaiota de dois meninos. Mais tarde, eu já descansando da caminhada em frente à casa, vejo novamente a gaiota e os dois meninos. O cusquinho preto contemplava o mundo do alto dela, tendo a brisa a lamber-lhe



o pelo. Os dois gaioteiros estavam mais que satisfeitos e até o cavalo velho parecia sabedor da caridade.

Semana seguinte chegou um dos meninos - havia fixado as suas feições – pedindo um pão. Fui falando.

-Escuta, era de vocês o cusco que, semana passada, levavam na gaiota?

-Não, ele apenas seguia a gente, então, o Adair levou ele com a gente.

-Soltaram ele depois?

-Não. Ficou lá em casa.

-Vão ficar com o bichinho?

-Acho que sim! A gente dá comida e ele cuida da casa.

-O pão não é para o cusco?

-Se for novo, não. Se for velho, sim!

Fui eu de carona nestas lições de simplicidade.



O PROFESSOR E O TREINADOR

O professor de filosofia entrou na sala apeteendo-lhe de ver as alunas. Uma ternura perpassava a classe: ternos e rijos corpos em suaves vestes. Os maus(?) pensamentos, é o que lhe sobravam, competindo com a dúvida que lhe sobrevinha: o quanto o pensamento grego poderia competir com a natureza aí exuberante: o pensamento prudencial X os desejos revelados nas roliças expressões.

Apenas superou a sistemática dúvida - a única certeza - sabia que duvidava. Mas por mais que duvidasse parecia-lhe que apreciavam as antigas lições - perfazendo-se quase uma certeza: além da carne, se encanta o espírito com certa dificuldade.

-Heráclito dizia não é bom ao homem obter tudo que deseja.

-Professor!

-Sim!

-Já passamos este pensador, o senhor ia começar Platão.

-Pois que seja. Platão aprendeu de Sócrates que a felicidade é tirar do homem o que tem de melhor.

-E que coisa é essa?

-Sócrates dizia que a primeira virtude é o pensar. O resto



vem por acréscimo. Apenas melhor que o pensar, em Platão, é pensar coletivamente. Para ele, do corpo se tira muito pouco. Só a alma não conhece a decomposição. Assim é magnífica a obra de pensar, uma vez que nos aproxima da verdade. Melhor ainda, conforme o homem dos ombros largos, é quando se usa a dialética, pois em cada um resulta um poder e, nessa conversa disciplinada, pode-se chegar a um melhor resultado. E assim a aula foi adiante.

Ao final dela, veio-lhe uma aluna, de olhar indizível, que o fez duvidar da propriedade das palavras do velho sábio. Buscou em Aristóteles um consolo. Ao menos aí haveria o meio termo entre a alma e o corpo. Afinal esta ternura em sua frente era muito concreta e sincera para que fosse desprezível.

De tarde o professor foi dar uma aula em Carazinho. Antes de chegar ao Campus, viu sobre a grama um urso do circo. O treinador acariciava-lhe o pelo que reluzia ao sol. O urso obediente cumpria as ordens de seu senhor. O urso mordiscava o pé do treinador. Estavam apenas ocultos os antigos desejos do animal. Não fazia com as alunas o que o treinador fazia com o animal?



DIÁLOGO IMAGINÁRIO EM TORNO DA NAVE

Sei: ninguém usará como argumento este texto para falar contra os voos e as imprevidências dos governos. Mas, acredito que se pode perder um pouco da fé que se tem na providência humana.

Começa-se lembrando do trágico vôo dos astronautas russos, quando tiveram que ficar voando além do tempo previsto. Retrato pouco do muito que se pode pensar em relação aos dois abandonados. Não é difícil imaginar de alguns diálogos entre a nave e a terra.

-Escuta, Dimitrov, já não está na hora de nos resgatarem?

-Hoje não, querido Ilia Krikalov. Hoje o chefe Gorby e o chefe Yelsin estão trocando de poder.

-Meu Deus, Dimitrov, e se a Vodca de Yelsin impedir de lembrar de nós?

Dias mais tarde.

-Já passaram o cargo?

-Sim, Ilia.

-Então podem nos pegar? Já faz meio ano que não vemos nossas casas, nossas mulheres e nossos filhos e nossos vizinhos e nosso time de futebol!



-Ainda não!

Dias após.

-Mas quem está mandando mesmo?

-É o Yelsin!

-Diz prá ele nos apanhar!

Aguardem mais um pouco que ele está ocupado em tirar a foice da bandeira. Quer que cada russo resolva tudo por conta própria!

-Mas não sabemos voltar sozinhos! Assim vamos ficar aqui pela eternidade!

-Pode ser, Ilia. A coisa que antes era vermelha, agora está preta.

-Mas não tem ninguém que nos queira trazer de volta? Diz pro Yeltsin que agora estamos com medo!

Mais dias e noites se passaram.

-Como é, Dimitrov? Alguma notícia?

-Parece que os alemães ocidentais estão querendo resgatar a nave!

-Pelo amor de Deus, façam isso!!! Desculpe... companheiro! Não sei se ainda persistem esta mania de matar por ideologias!



-Quando a realidade não resolve, parece necessário voltar a antigos costumes, camarada.

Se o fato ocorresse hoje, Ilia pediria pro Brasil pagar o resgate. Afinal... Mas... com que dinheiro?



SOBRE A INSEGURANÇA

Dia desses fiquei ainda mais inseguro sobre os benefícios da segurança e da certeza. Estava no mercado. Dois meninos postos diante do freezer onde estavam os laticínios e, aí, o iogurte. O tio de dez anos sem muita autoridade dizia ao piazinho, seu sobrinho, que não metesse a mão no freezer. Explicava-lhe, sem muita convicção, que o dinheiro apenas dava para o pão e para o leite. Faltava ao tio a autoridade. Isto valeu um transtorno.

O sobrinho, na menor distração do tio, meteu a mão no freezer e rápido furou o potinho. O tio enervou-se, pois que a mãe do piá, sua irmã, lhe diria coisas pouco agradáveis por não saber controlar o sobrinho. Conversou com o gerente, que autorizou que levasse o pão e o leite. Este seria cobrado da irmã, da próxima vez.

O piazinho a estas alturas já havia saboreado o leitinho coalhado com sabor de morango, estando já novamente diante do freezer, onde estavam os deliciosos produtos. O tio olhou para o sobrinho e, agora, meu Deus? Mais afoito ficou o piazinho, indicando o freezer. O gerente, seguro, entrou em cena, falando.

-Obedece o tio! Não tem mais dinheiro!

O sobrinho recolheu-se às suas pretensões.



DAS VACAS DO FIGUEIREDO

Enquanto alguns alunos do CREATI definiam a Oficina da Memória, Iolanda saiu explorando suas lembranças: era muito humana a vida, muito fraterna a vida de Passo Fundo. Um menino puxava uma vaca e, de casa em casa, ia tirando o leite até esgotar o ubre da vaquinha. Isto se fazia na Avenida Brasil: o menino ia levando a Barrosa até um eito e depois vinha pelo outro lado. Isto que era uma entrega direta do produtor ao consumidor!

Voltei para casa já acreditando que a humanização de uma cidade se daria pela quantidade de animais que nela vivesse. Na hora do pique seriam soltos os berrantes e os ternos animais. Entre zurros e mugidos cairia a tarde e, por devagar que andassem, todos se saudariam. Os aboios se fariam tanto para os bichos como para os carros e todos se fariam mais pacientes.

Ri-me ao chegar na minha rua e vi: o meu lugar estava humanizado. Todos dias seu Figueiredo tangia suas vacas e elas, pacientes, buscavam seu capim. Dona Maria ainda tirava o leite, ouvindo o ruído singular do esguicho entre espumas. Ri outra vez da minha rua por avançar em ideias: vacas e ladrões passeiam furtivos e nas noites de dezembro ainda se vê o pequeno vaga-lume entre as gramas e os estercos. Por haver tantos animais é humano o meu lugar.



A minha amada, tempos depois, deu nela o prazer de fazer uma ambrosia e foi ver do leite com Maria. Voltou de taro vazio. Obrigaram Maria a vender as vacas e as galinhas. Como dormirão as crianças sem os mugidos lânguidos e o patatipatatá das galinhas?

Quero de volta o pacífico andar das vacas. Ninguém pode instruir melhor do que elas sobre a generosidade e a paciência: discursos não têm efeito prático sobre os seres humanos e muito menos sobre as crianças.

Há de se impor uma lei municipal na qual se exija, em cada rua, uma vaca, uns marrecos e um burro que é para equilibrar a devastadora influência dos homens e de suas máquinas. Convenhamos: uma vaquinha impõe um sentido de familiaridade.

Por que é que o Senhor começou tudo entre as vacas e acabou morrendo entre os ladrões? Temo, como cristão, ser também este o meu destino.



UMA ABELHA E UM MENINO

Oito horas da manhã: a abelha, que fora surpreendida no frio da noite, mal se mexia de manhã. No caminho do jardim, surpreendeu-a o vento gelado. Estava ainda com o feltro amarelo das flores de maio.

Dez horas da manhã: No primeiro raio, a vespinha encolhida exercitou o primeiro movimento. Segundos depois zuniam as asas na lembrada direção.

Dez para o meio dia: Num voo sofrido, mas decidido elevou-se. Urgia entregar o pó a ser regurgitado. O sol devolveu-lhe a sociedade.

A esta apiária crônica se uniam outros acontecimentos com o menino Martim, aluno da professora Tânia. O menino era proveniente de uma casa de vila, precária como as tocas. Filho de uma mãe que sonhava de pés descalços e no inverno se cobria com um casaco de brim. Tenho sonhos para o Martim, dizia. Por tantos sonhos maternos, o menino sonhou também. Tânia também lhe inspirou esta chance de sonhar: o que levava o piá a fazer os temas na luzinha do lampião. Assim cresceu. Do pai não tinha notícia, pois tantos poderiam ser.

Foi à escola maior para chegar à oitava série. Tânia conhecia uma professora, a quem o menino foi recomendado. Edviges, era ela. Alemoazinha esforçada que também sabia o



preço do pão.

Edviges, por sua vez, tinha um irmão, Faustino, ligado em motor de carro. Este falou se não conhecia um guri zeloso e que lhe fosse aprendiz. Recaiu o pedido em Martim. Sorte do guri. Que só a sorte, alguém a mais, o sonho e o esforço tiram o pobre da miséria. O sorvo da miséria é forte. A alemoazinha aprendera a divisar na gurizada quem ainda tinha salvação.

Em pouco tempo, pouquinho, Faustino percebeu o ouvido afinado do Martim. De fato, em pouco tempo, os motores recobravam o seu som original e o guri apreciava demais devolver a força da máquina doente. Foi muito adiante e com os estudos dominava claramente todas as necessidades de um motor.

Os dois devolvidos à sociedade.



1992: DIÁLOGO EM TORNO DE UM FRANGO

Passando em frente a um mercadinho, li: frango, 450.

Pensei: bom preço!

Um franguinho de um quilo e oitocentas.

Vou ao caixa com o frango enrolado.

-Mil e duzentos paga tudo!

-Não é quatrocentos e cinquenta o quilo?

-É seiscentos e cinquenta!

-Não é isso o que diz a tabuleta aí fora!

O caixa-dono dirigiu-se ao menino que embrulhara o frango.

-Escuta piá! Tu não mudô o preço?

-Ah!! É! Misquici!

Deixei por isso mesmo, para não humilhar o menino.

Ao sair estava lá o menino, tirando o preço do frango.

Frango: 650

Falou baixinho: muito obrigado!



-Obrigado de quê?

-É que si o sinhô fosse ingrossá, ia sobrá pra mim!

Achei de conversar com ele porque deles é o reino dos céus.

-Escuta, você vai indo à escola?

-Vô!

-Onde?

-Aí no Gumercendo.

-Está gostando?

-Não!

-Mas se não fosse nem escreveria os 650!

-Ah! Isso é!

O frango gelado gelava minha mão. Dando uma de pedagogo, animei-o: a cabeça fica melhor quando vai à escola.

Olhou desatento e percebi que tudo que passasse disso já era demais.

-Tchau!

-Até logo!



O MORRER E O VIVER

Simone de Beauvoir, em *Uma Morte muito Suave*, narra os últimos dias de sua mãe. Sob o efeito de fortes calmantes vigiava a morte; num sábado, dormiu o dia todo, o que fez com que se lastimasse:

-Hoje não vivi!

Comovente é a reflexão que Simone retira do instante: trabalho duro o de morrer, quando se ama tanto a vida. Pois, que seja duro morrer, contanto que, em vida, se tenha um conteúdo interessante.

Aprecei, numa das caminhadas: um burro pastava no meio dos carros e da fumaça. Cuidadoso retirava o seu sustento das poucas grammas, pois que morria a natureza entre barulhos e motores. Entre cardos tirava o burrinho os últimos restos da natureza e com ela comungava do frágil direito à vida. E vi também que é duro o trabalho de viver, quando tudo morre ao derredor.

Mas ainda mais advinha da manhã: não era somente o impávido burrinho que pastava quase o impossível. Mais vida havia. Um pássaro amarelo emprestava sua solidariedade. Um bem-te-vi fazia companhia protetora ao burrinho. Renunciara às balançantes copas das árvores e ficava aí nas costas dele, afastando do animal os insetos que, porventura, tentassem



incomodar seu companheiro. Pela lição do bem-te-vi e do burro, confesso que vivi.



FOLGA: A HORA DA POESIA

Há um sonho pendente dos ramos da jabuticabeira. Tenho como um campo o tempo pelo frente. Em cada palmo pode nascer um crisântemo, uma nova árvore, que dará frutos em anos vindouros, com frutos em veludo. Criei vaga-lumes para iluminar os postes e cigarras que vão cantar ao meio-dia. Para enxugar as lágrimas importarei da China uma árvore de papel e plantarei no quintal. Erguerei uma casa para a festa de meus amigos. Porei um banco na frente para olhar o horizonte. Vou afofar a terra para plantar palavras que iluminarão as almas. Os mais velhos sentarão no meu pátio e aprenderão sorrindo. Do resto dos meus dias plantarei uma mata para os animais ferozes se esconderem.

Sento ao teu lado e imprimo em ti tudo o que um ser humano pode conceder ao outro. Somos frágeis, por mais que queiramos expor nossas forças.

Não somos como as montanhas que acolhem todos os ventos de forma imperturbável. O fio de nossas conversas e ações é como um pequeno riacho: não toca a roda de um moinho. Fico a te dizer coisas pequenas que possam te fazer bem, falando de nosso cotidiano como se falasse da eternidade. E é isso mesmo: a minha e a tua eternidade são breves, embora carreguem passados de tantas gentes. Comungamos, então, do pouco que podemos conceder. Se o riacho não serve ao



moleiro, pode, porém, servir ao pescador que pesca o pequeno peixe, enquanto se abriga sob uma grande árvore cujas raízes retiram do rio a água necessária. Por isso, sento-me ao teu lado e me abrigo em tua suave presença, enquanto colhemos sem grandes pretensões o que cada um pode oferecer. Essa terna comunicação ninguém pode substituir, pois que perfazemos uma paisagem que não pode ser afastada por nenhuma outra, por mais sagrada e eterna que possa ser. Deixa o meu existir fluir contigo um pouco mais, que assim, correndo, pode chegar ao mar, onde, tu acreditas, se reúnem todas as águas e os grandes pescadores. Mesmo que a casa seja nossa e nos veja envelhecer cheios de cuidados por tantos anos, é aí que fazemos o nosso milagre de viver.

Quero te dizer agora que a aventura maior é este convite à poesia. Uma espécie de devoração do momento. Tão forte o azul acontece que sumimos e somos a cor diáfana do céu. O mesmo é, de repente, uma voz não definida: um pouco mais que o movimento do ar. Então, somos o ar. Um balanço lento da amoreira querendo respirar. Um Bach distante, desesperado, dentro da catedral com seu órgão solitário. Esta amável lembrança sobre mim e morrer quisera nesta evocação e, quando me acordasse, houvessem se passado 2000 anos. Diria então: como é ligeiro o tempo do amor! A esposa amável em seu corpo, cuidado pelo cirurgião que modela as formas, brigando com a natureza! Poesia da Samanta que se desdobra sobre a dor dos professores: assim passam os ensinantes tristes, pondo



as mãos nas costas enquanto ensinam. E eu aqui encontrando
poesia sobre esse teclado cinza!



PRIMAVERA

De imediato surgem as frases feitas onde rimam flores, odores, cores e frescores. Havia até me jurado fazer crônica nenhuma que rememorasse aquela pueril exaltação da luxuriante/corante/estação.

Mais de trinta caminhadas já havia feito no coração da insinuante estação. Pensava: não me dobro de jeito nenhum! A esta imponência natural prefiro o feijão com arroz dos comezinhos fatos que as outras estações também mostram. Esta devoção pela rotina me devora, pois que, uma vez notada, se revela exuberante. Ao contrário, a primavera tem luz própria e deixa de lado as menores singularidades.

Ia assim meditando e pondo em ordem argumentos em desfavor da primavera. Ainda olhava o sobranter inverno, que, por tão curto, mal fora percebido.

Sabia, porém, que não estava resistindo às folhas novas-marrons das jabuticabeiras, tampouco deixava de olhar e escutar a corruíra erguendo seu pescoço, parecendo devorar o céu ou beijar o sol. Acabei sendo infiel às coisas pequenas.

Sábado pela frente, setembro cheio e uma caminhada a sós. Uma árvore de folhas laqueadas nos últimos dias e um cheiro de cera feita de abelhas. Mais adiante, nas árvores nativas, as cigarras diziam suas primeiras palavras. Uma delas



prende-se em minhas costas. E já no meu ombro em vez do vôo, preferiu uma carona. Olhei-a de soslaio: o preto e o verde nela se destacavam. E agradecida começou o seu canto, firme em meu ombro. Não havia mais como negar a força da primavera. Amável é tudo que é resumido, mas resistir ao tamanho da primavera quem há de? E quem não ficará carregado de ternuras com sessenta delas carregadas no peito?



CANTO E FLORES FORA DE HORA

Com o calor extemporâneo deste inverno, ouvi a corruíra cantar, dando a entender que as horas não são o único indicador do que fazer. Bastam as circunstâncias, que a direção já pode tomar novo rumo. Dizemos, então, palavras melhores, pois ousamos mover nossa vida para novos ventos e novos cenários. Mas ainda se faz inverno e a corruíra se equivoca a respeito de suas pretensões. Poderá silenciar e seu pequeno canto amoroso ficará pendurado nos ramos sem a devida conclusão. Entretanto, ninguém poderá acusar o entusiasmo dela, pois se cantou foi para dar continuidade à comunicação, que é de sua natureza. Comoveram-me também as flores do pessegueiro: mal apareceram os suaves calores e lá estão elas cheias de esperanças, sem saber que ainda não é seu tempo. Morrerão no primeiro frio: as pobrezinhas não sabem de cor os meses que se sucedem. Espero, porém, esperançoso, que voltem rápidos os dias de calor, que é para que o túrgido corpo do pequeno animal dê sequência às suas intenções e as flores ofereçam seus pêssegos maduros.



TEMPO DE INFORMAÇÕES!

“Ser consistente, duvidar, inquietar-se com o que nos é afirmado, é esse o aprendizado mais difícil e absolutamente necessário neste momento em que somos estimulados a nos conectar com o mundo, abrindo hipertextos, que sempre se abrem a outros, a outros mais, infinitamente, textos que nos chegam de todas as partes do mundo, a ponto de já se falar em direito à não-informação. A saturação das coisas ditas e a impossibilidade real de nos enfronharmos de todas elas exigem habilidades novas de todos nós: não apenas a habilidade de lidar com uma outra gramática, a gramática digital das sofisticadas máquinas a que temos acesso, mas a recuperação da boa e velha habilidade de discernimento, de arrumação de dados, de prioridade e, fundamentalmente, de coerência interna com nossos projetos pessoais e sociais. Ao mesmo tempo, exige-se a atitude da dúvida permanente em relação a tudo o que afirmamos como verdade, mesmo que provisória”. Isso nos fala Rosa Fischer em Formas de ser e habitar a contemporaneidade. E o título revela o quanto é difícil ficar à mercê das informações, pois a velocidade nos arrebatava a ponto de não se saber ao certo quem se é e quem é o outro. Rápidos entram, em nossa casa, paixões, roubos e mortes, e os personagens dividem o tempo e suas emoções convidando a que sejamos seus dependentes, e ficamos. O púlpito é outro a dizer suas verdades. Ninguém mais nos toma nas mãos e nos olha nos olhos. Ficamos prisioneiros



de imagens distantes, e o pessoal da casa passa sem saber para onde vamos. O vigário é outro: antes nos advertia sobre os pecados e seu púlpito tremia e tremiam os cristãos: lá estava ele, mesmo escondido em enorme aparato das vestes, ouvia-se sua voz que repercutia na nave. Todos, um ao lado do outro, devotos, ouviam. Agora um pequeno púlpito e toda a gente desconhecida a nos fazer apelos os mais diversos, e ficamos como pequenos barcos ao sabor do vento. Mas ainda julgamos que somos um pouco mais que um inventário de objetos.



ENTRE MÃE E FILHA

O silêncio se fazia na entrada da sala de exames. Alguns e algumas queriam saber de novos e antigos objetos de comunicação: dos corpos que podiam adquirir ou perder. A menina grávida, meu Deus, atenta pelo momento de saber sobre seu filho ou filha. Deixava seus espaços comunicativos e, talvez, distraidamente, arranjou outro que agora se revelaria. Outro estava para ver seu coração, objeto importante de suas comunicações. Tinha-o com cuidado, pois que a natureza não lhe fora favorável.

Eu estava lá a ver também as formas do meu coração. Não quero ainda me completar apenas nos outros, pois aos poucos, as ondas da memória se apagam e serei pouco mais que as palavras dos outros. Por mais que meu coração diga: é de minha natureza morrer, eu resisto. Tenhoinhos, gestos e palavras ainda não consumidos. Estava com uma comunicação reduzida, pois que voltada tão só para meu peito.

Ouçó, então, a menina de dez anos:

Mãe, você me deve dois reais!

E você quanto me deve?

Um murmúrio se fez entre as duas que dividiam seus valores.



Pensei, retomando a conversa das duas: é tão pouco o necessário para ativar este espírito que esvoaça irrequieto em busca de complementação. Algumas querendo saber da vida que vinha e alguns querendo escapar da morte. Cada qual querendo encontrar ou, ao menos, não perder. E as duas, dividindo seus débitos e créditos. E eu vendo mais... ouvia enquanto aguardava.



PARADOXOS

De fato, o que dá pra rir dá pra chorar. Pensava contente, muito contente, quase rindo com meu zíper: Barcelona é uma cidade de loucos. E a alegria está por toda parte. Vai da Sagrada Família ao time do Barça, sem esquecer de Dali, Miró, Picasso e dos loucos que se vestem nas Ramblas. Pensava mais... é gente linda e aberta pra todos lados. Mas não tem jeito... o ser humano tem lá suas complexidades, ambivalências, paradoxos e tudo mais que encanta e desencanta. Andando nas ruas da louca cidade, encontrei um catalão que dava graças a Deus por ter casado com uma brasileira. Disse-lhe que eu não conhecia as mulheres catalãs e que, possivelmente, fossem tão interessantes quanto as brasileiras. Falou sério: usted habla eso porque não conoce las españolas e lo digo: não perdió nada por no las conocer. Fiquei abismado, achando que os lugares têm muita força em deixar as pessoas melhores. Pior foi depois, no aeroporto. Ouvia duas brasileiras falando mal dos seus maridos catalãs. Metiam um pau direto neles. Quando assim falavam, mostrei minha admiração e, pra dar mais ênfase ao que diziam, as duas concluíram, em uníssono: São uns brutos! Mais uma vez ri sobre mim e a humanidade.



PIZZA E PARTO

Anita é papelreira. Grávida, resolve buscar apoio e cuidados para seu primeiro bebê. A cuidadora de grávidas e sua equipe constituem uma porta amável para ela. Ajudam até no preparo do enxoval. Um ânimo bom cerca o grupo das mulheres. Afinal ter um filho aponta para esperança. As mães também esperam por um salvador.

Anita, ao final do tempo, sente a hora de ser mãe. Lá se foi ao hospital, mas solita devia encarar o nascimento. Pobreza tem disso: até os grandes momentos podem não ter companhia. Pior da pobreza: as ausências do respeito e da consideração. Narro então esta tragédia humana contada por uma das cuidadoras, semanas depois do parto:

Quando vi Anita procurei logo saber do filho, falou. Apreciava ouvi-la por obrigação de minha função, vínculo e também por que ela era de palavras bem postas. Infelizmente ouvi o que não me fez bem ouvir. Sem tirar nem pôr, Anita foi logo falando. Entrei no hospital, me dirigindo até à maternidade. Uma enfermeira me atendeu com cara de poucos amigos. Ela falou assim: justo agora que vou comer minha pizza! Fica na cama aí no canto. Vou fazer um sorinho, ela disse. Depois se retirou para a mesa onde havia a pizza de vários sabores. Fui para meu canto. Pouco tempo depois senti a vinda de meu bebê. Nasceu minha criança. Ela apareceu... A enfermeira veio ver o



nascimento e viu mais a placenta e o líquido, mas não minha criança. Esperei seu auxílio. Ouvi o pior que uma mãe pode ouvir: Ai que nojo!, e agora como vou comer minha pizza!?

Ao final da narrativa a cuidadora de grávidas viu uma lágrima descendo no rosto de Anita. Por certo a cuidadora, emprestando seu ouvido reverente, melhorou o acontecimento.



MI JESU, MISERICÓRDIA

Tempos diferentes com os mesmos apelos! Voltando para meados dos anos cinquenta, me vem nítida a lembrança das salas cheias de seminaristas em Santo Ângelo das Missões, e eu entre eles. Todos concentrados em suas diversas tarefas. Traduzir os discursos de Cícero. Os pequenos filhos de agricultores se retorciam, mas não escapavam da língua mãe da Igreja romana. Com quanto esforço eram escritas as primeiras traduções: Até quando, ó Catilina, abusarás da nossa paciência? Por quanto tempo ainda há de zombar de nós essa tua loucura? A que extremos se há de precipitar a tua audácia sem freio?

Outros se haviam com leituras de autores brasileiros e com todas as ciências curriculares. Iniciava-se o conhecimento das diversas áreas. Alguns distraídos buscavam afugentar lembranças femininas instigando a natureza antiga, sobras das férias.

Eis que, de repente, no meio destas concentrações tocava um pequeno sino, anunciando uma das horas cheias do dia. O seminarista, guarda da classe, erguia a voz exclamando: Mi Jesu, misericórdia!

Todos em resposta também erguiam as vozes repetindo a invocação: Mi Jesu, misericórdia!

Não mais movido pelos antigos deveres, entretanto



grato pelos aprendizados, me veio associada a lembrança aos momentos que agora se sucedem. Os medos de antigamente em torno da divindade não se justificam mais. Outras perplexidades se estendem ao redor. Ao ver os danos políticos e a violência em todas as performances faz com que diga:

Mi Jesu, misericórdia!

Aproximo minha infância de minha velhice.

Mi Jesu, misericórdia!



EM SILÊNCIO TAMBÉM SE AMA

Fico pensando mais uma vez na contradição humana: como é possível ter acontecido o que aconteceu em Treblinka e em outros campos? Fico de coração mais enternecido ao lembrar o tempo em que coordenei o centro de atenção aos idosos da UPF. Bem me lembro de duas velhas senhoras que vieram se despedir, sabendo que iam morrer. Me vieram elas e as ternas canções alemães de minha infância. Aí o coração ficou calado. E por esses dias, veio minha sogra dizendo que devia cortar seu rosto por causa de uma ferida pouco amistosa. Fui tomar um chimarrão com ela, tendo seu olhar pras distâncias... E eu quieto, que calar também é uma forma de amar.



2009: MINHA TIA LAURA

Amanhã vou levar minha sogra a ver sua irmã de quase cem anos. Quando dói muito sua perna, ela diz que não vale a pena viver. Basta que desapareçam os incômodos, que não tem mais dúvida, ri satisfeita. Sou devoto de seus encantos. Noventa e seis anos e mal cabe dentro daquele corpo, todo fragilidade. Não me é mais estranha a virtude em corpo frágil. Não tenho mais dúvida sobre a possibilidade do encanto feito nela, não é mais nada que uma pequena casca, o diminuído corpo, ao segurar sua alma, não sei de que jeito. Me agradece por levar sua irmã a vê-la. Vou tanto pela sogra como por ela. Vê-la é um privilégio em razão de afastar a dúvida do valor de pessoas que andam seguras por um sopro. Sua memória luzidia revela sua trajetória e alegre anuncia seus eventos. Pouco mais que a morte tem por esperar, mas carrega uma insondável vivacidade em seus mundos particulares. Encurvada e seca, nada vê e pouco ouve. Sua face é incerta quando não consegue se comunicar. Mas quando se estende a alguém, aparece a luz. Deus do céu, que linda mulher! É minha grande certeza da singeleza humana. Do resto, tenho minhas dúvidas. Se me fosse dado qualquer poder, por pequeno que fosse, nem tanto como o de transportar montanhas, mas de poder olhar para as pessoas e, pelas palavras, melhorar um pouco o que as incomoda, já seria muito. É o que a tia Laura fez a vida toda.



Hoje, 14/08/2015, já não levo minha sogra pra ver sua irmã. Asi pasan los dias y nosotros com ellos. Amém.



INTRUSOS

Uma ladra entrou na casa da Pinheira, Santa Catarina. Minha cunhada, vendo-a sair, saudou-a contente na semi-escuridão, crente de que fosse minha filha. Levou apenas uma bolsinha e três reais. Na noite anterior havia sonhado com um gatinho que fizera sujeira na casa, semelhante a que a ladra deixou. O maior dano, porém, foi de criar uma grande insegurança. O vento, corujas, sombras e outros ruídos da noite passaram a gerar sobressaltos. O mesmo acontece quando pairam ameaças, constrange-se a alma. A serenidade rola escadas abaixo. Também se abalou meu computador: o vírus, belo nome – Cavalo de Troia – entrou às escondidas, e fez-me parar no técnico Jonas, que afastou o perigo. Por medo de perder meus arquivos, tive insônia e pesadelo. Em tudo que se tem se impõem muitas sombras. Mas, em certos dias, a velocidade divina faz sua exaltação em pequenos lugares. Não carece de se pôr uma placa aqui ternura, uma vez que em tudo relampejam as luzes como nos caixilhos de mel. O corpo se expande como rabo de pavão. Qualquer pardal tem o efeito do uirapuru. Depura-se, com tais movimentos, cores e sons, a existência de voos insondáveis da alma. Mais sabe a vida do que se possa tergiversar sobre ela. Sigo a usufruir o momento, que é curta a hora da graça. Embora não haja qualquer riacho algum, ouço com Ovídio os riozinhos que correm com um doce murmúrio; vejo as árvores que mal conseguem segurar o fardo



que produziram. Vou adiante. Tenho de Ésquilo as visões de Tirésias, que lê, no voo dos pássaros, a sorte de Tebas. Prepare-se a cidade para as lutas em proteção de seus muros.



COLHI DE UM VELHO

O meu envelhecimento é semelhante ao vinho e ao pão. Verdes eram os cachos e verde o trigo. De olho neles o moleiro, o agricultor, o vinhateiro, o cantineiro, os famintos, os degustadores, os bêbados e os de bom gosto. Todos de olho no desempenho da vinha e do trigo. Cresceram as uvas, amadureceram e dourou o trigo e, na brisa, mostrou-se em ondas. Isto, sim, é que eram uvas, amadurecidas na base de muito sol. Isso sim é que era trigo, verde no frio e, postos os cachos, não faltou o sol e as chuvas regulares. Tudo em ordem, conforme a necessidade do progresso. Contavam todos com a fartura e o dinheiro para sustentação dos filhos e de sobrantes reais para um pouco de ostentação. Afinal quem não quer mostrar um pouco mais do que se é. E para tanto, uns cobres, é coisa quase essencial.

Sou como o trigo doirado e as uvas viníferas, cor de rubi, pois que não adianta ser qualquer uva que rende pouco e até a pi lazada gulosa põe a mão sem agradecer.

Agora já estou velho, fiquei farinha e fiquei vinho. Eis-me aqui, mas como são tantos os vinhos e tantas as farinhas, não posso perder o valor. Mas que me importa o meu valor, se assim posso durar ainda mais despreocupadamente. Enquanto tudo passa, também passarei. Estou à espera das bocas do infinito, que a solidariedade manda: ninguém fica pra semente.



Imaginei-me, então, como o cálice de vinho sagrado no qual Deus vem morar e de um pedaço de pão, onde Deus vem habitar com sua infinitude. É isso mesmo que me agrada, ter o gosto do infinito enquanto não houver a devoração. E tomara que nenhum deus esteja preocupado com o meu vinho e com minha farinha. Mas, em última análise, aceito esta situação de estar na terra meio devagar. Deixem agora, que eu sinta o meu próprio sabor. Afinal passei trabalho até virar pão e me tornar vinho.



SAPATO VELHO

Quando se fica velho tudo tem um bem medido valor. Isso se o velho sempre andou com tal virtude. Particularmente as pequenas coisas e até as inúteis começam a se desvelar. E num mundo das velocidades quem é que prestaria atenção a um sapato velho? Mas sobre as pedras da Benedito Pinto apareceu-me um deles, pedindo misericórdia. Jamais tomaria conta dele quando era jovem, mas agora ei-lo, ali está com sua autoridade e, para não sentir culpa, resolvi fazer o elogio em razão de sua contribuição social e histórica na proteção dos pés. Fala-se tanto de tudo que se pode extrair moedas e, tanto delas se divulga! Em protesto vou prestar toda a atenção naquilo que todos põe no lixo por não mais ter um lucrativo sentido de existir.

Ontem reparei que meu sapato estava velho e um dos lados já se abria, mostrando sua fragilidade, como parte da entropia de todas as coisas. Envergonhei-me, de não lhe dar a devida atenção, pois agora apenas percebi seu sofrimento. Pobre sapato, suportou os mesmos caminhos e tantas insuportáveis reuniões! Enfiei cuidadosamente meus pés por debaixo da mesa. Ainda lembro de como um colega, sem respeito, olhou para o meu moribundo sapato. E sinto necessidade de reparar a pouca piedade quando lançam no lixo os sapatos velhos. Jogamos fora sem um olhar de agradecimento. Nem sequer um olhar reverente é dirigido àquele que tão servilmente nos



suportou. E quase imediatamente vão às lojas trocá-los, quando o dinheiro atende a gastadora intenção.

Depois daquele que se apresentou em minha rua, vejo alguns deles perdidos e me pergunto sobre quem foi seu caminhador. Assim como os pássaros quando morrem. Cansados pois, uns de voar outros de andar, escondem-se.

Grave não é deixar na rua os sapatos velhos. Nestes tempos bicudos, quando tudo é descartável, é que se descarte gente velha, ainda que essa gente velha, mais que os sapatos, tenha sustentado casa e instituições.



ALÉM DOS SAPATOS: AS CADEIRAS

A soleira da porta, a poltrona, um toco no campo, a cadeira, o banquinho, o chão, possivelmente nos suportam melhor que um coração humano quando a angústia está em demasia.

Muito já se falou das casas e de seus lugares, mas as pobres cadeiras, de fato, é que mais são solidárias com o mundo humano. Todo nosso peso se deposita sobre elas. Nem ao menos nos damos conta de sua generosidade. Aí estão a madeira, as palhas, os panos, o couro, o feltro e tudo mais que se compõe para nos dar um pouco de descanso e, na sala ou à mesa, faz reunir nossos risos, angústias e nossas tristezas. Apenas sentem que acima delas brotam palavras e suspiros. O seu silêncio é admirável, pois o montante da realidade humana é vasto, o que poderia fazer falar até as pedras. Mas não, a cadeira fica solidária, quieta e serviçal. É bom que nos compadeçamos delas. Entretanto, podem ser retratadas, generosamente, pelos artistas, sem ter de passar pela inconstante forma humana de ser. De toda a maneira que se lhes olhar, fica a lição de podermos ter um pouco mais de generosidade, pois aí estamos frente a frente, sem ter de suportar o peso de nossos traseiros. Falemos, pois, do alto delas... que assim cumprem sua natureza, e nós, a nossa. Mas cadê a crônica. Que sirvam pra isso umas cadeiras velhas que foi do meu cunhado. Agora sofrem tempestades



debaixo de um telhado aberto. Já não mais vivem de longas conversas. Minha sobrinha as valoriza quando, vendo os adultos distraídos, toma conta delas para subir no telhado. Elas, quietas, se submetem.



OS DIAS SAGRADOS

Neste primeiro de setembro de zero oito, voltei ao costume de pensar o cotidiano, pois pensar grandezas em torno de pássaros e animais de cabeças arejadas, como em Borges, só faz a gente se sentir inferior. Adeja, entretanto, um mal-estar que espero não vire uma tradição. Não há razões muito sérias de carregar esse sentimento de calcinação. Será em razão da mediocridade com que joga meu time ou será porque estou a fazer tão pouco? Mas o que tem demais em ser tão fortuito e insubstancial, pois que em breve tempo a luz do nome será pouca e de nada se saberá. Brincar é uma grande solução. Acabei de ver o que é digno de nota, mostrando que cada qual carece de seu capital de encantamento. Vou me estender na ternura de Solange e parecer a velha senhora que descia, com seu tamborzinho, a Chicuta, impregnada de importância por anunciar os mais velhos na avenida Sete de Setembro, lembrando Nana Mouskouri .

A velha senhora.....ratatata

Com seu pequeno tambor.....ratatata

Vem conversar..... ratatata

Com meu coração..... ratatata

Ela, concentrada, falava do seu capital pra causar uma boa



impressão na avenida, e eu a dizer, não sei ao certo pra quem, algumas palavras sobre a querida mulher e seu tamborzinho.

É preciso muito pouco pra encantar quando se tem ternura como a velha senhora que descia a Chicuta. Sete de setembro de outros tempos, em que brumas cobriam Passo Fundo. Agora, nesse frio intenso, uma velha anuncia o seu tempo. Pra ela pouco importa se alguém lembrará seu nome, mas faz soar seu tamborzinho. Se Deus tiver ouvidos, por certo, porá suas infinitas mãos em concha pra ouvi-la



HUMÍLIMAS CRIANÇAS

Algumas andam pelas ruas como certas flores do campo: mal completam a floração. Para confirmar esta assertiva apresento cenas de um mesmo descaminho.

Ia a mãe acompanhada pela prole de três crianças que a pé lhe faziam companhia. O menorzinho dos caminhantes da pequena caravana espreitava, mais que o caminho: toda beira, árvores, pássaros, cães e outros caminhantes. Uma compenetração fascinava-o, mas isso lhe valia constante admoestação.

-Vamo, piá! Dizia a mãe.

Nada que o fizesse atento.

O desalinho das vestes indicava a condição da mãe, que por ter mais outra criança ao colo, mal se compunha em sua nervosia.

Ao passar pelo grupo andarilho olhei de perto o menino, postas as mãos nos folgados bolsos de uma calça recebida em campanha do agasalho. Não estava aí para a mãe, nem para a pobreza. Estava preocupado com a paisagem. A mãe, nervosa, com a distância do menino.

-Chega junto piá, que o lobo vai te pegá.



E nada do menino se aproximar e mais distância se fazia.

Aí quem ficou atento fui eu. O menino de olho no mundo e eu de olho nele. Pensei que pela ameaça do lobo o menino se achegaria. Mas não! Imaginava-se um caçador. Um grande caçador de lobos. Que viesse a fera.

A estas alturas dei meia volta a ver no que daria as cenas da caravana, onde um menino desafiava a autoridade da mãe e a voracidade das feras, preferindo a paisagem da rua onde punha sua fantasia.

Mas a mãe não podia perder seu tempo com fantasias, frente ao fardo de controlar um batalhão e o peso no colo.

-VAPT! PLATCH! VUPT! Foi a dureza de uma vara que conversava agressivamente.

-Ai! Ai! Ai! E um choro de menino.

Completoou austera, a mãe: Se em cima não aceita um conselho, em baixo aprende.

O menino estava choroso, afastando as lágrimas com as costas da mão direita; mas já olhava a paisagem, convencido que mais alegrias tem o mundo que a pobreza a lhe retirar.



UM TRISTE DIÁLOGO

Quando as amargas horas subtraem da felicidade o que tem de melhor, nem sei se vale a pena a dedicação de melhorá-las. Mas como não aprendi do estoicismo o caminho do nada, agarro pelo braço o mágico pensamento, que não deixa de ser um fiel instrumento.

Para os dias difíceis os astecas inventaram Tititl, o deus dos dias mais curtos do ano. Quando se entristeciam por causa dos insuportáveis mosquitos ou por que os deuses terríficos os apavoravam, eles invocavam Tititl para que tornasse seus dias ainda mais curtos.

Por três vezes, numa só semana, ouvi a angustiada pergunta:

-Por que este interminável sofrimento?

Neste caminho da dor vem a calhar o que o vizinho Adenestor veio revelar.

Dá para reparar a minha casa até amanhã?

Como não, seu Adenestor! Para onde vai, que não é da minha conta?

-Tenho um tio que sofre a vida toda e o homem é virado em pobreza. Agora está sofrendo de uma hérnia tão grande que



nele se confunde o escroto e a barriga. Não aguento de ver tanto sofrimento. Dei um jeito aí no São Vicente e um médico vai pôr uma tela para ver se segura o que está caindo.

-Bondade sua, seu Adenestor.

-Acho até que nem é bondade. Sou eu que não consigo mais aguentar de ver tanto de sofrimento. Sabe que a doença nunca largou dele. Por vinte anos teve cárie nos ossos que se quebraram em pedaços. Nos restantes anos uma ou outra coisa sempre lhe acontecia. Uma vez, em Nova Prata, até morreu quando mais jovem. O médico já havia providenciado o atestado de óbito e, os pais, o enterro. Mas não foi que o rapaz retomou a vida... em compensação o sofrimento não largou mais dele. Agora é a barriga que não se segura mais no lugar.

-Pode ir tranquilo, seu Adenestor, que a gente cuida da casa.

Alvitrei comigo que em terra de pobre a doença dizima, os ladrões polulam e a polícia é quieta.

-Muito obrigado. Reze um pouco para ver se a barriga do tio se segura de novo.

Se vi sofrimento? Eu vi! Vi também a perfeita compaixão do Adenestor.



ARAÇÁ-DO-MATO

O que será a poesia? Medi-la torna-se uma aventura impossível, pois de todas as artes é a que reúne a palavra e o encanto ao mesmo tempo e, mais perfeitamente, revela a angústia daqueles que estão desesperados e o amor que sai fluente pela boca daqueles que amam. Será a imitação das divindades? Será o outro lado da razão? Será a paixão que se solta entre as múrmuras palavras? Será a ilusão honrada ou um raio de perfeição? Será o momento surpreendido? Ou será parte do homem que se ergue além do acontecido? Ou será o momento em que Paulo disse que éramos deuses? Será o outro lado da perversão? Será uma invocação religiosa?

Ainda o melhor da poesia: somente nascem algumas, outras ficam nas reservas do coração. Foi justamente o que ocorreu quando de uma caminhada em defesa do bosque Lucas Araújo, foi dada a visão de um Araçá-do-Mato: um amarelo vivo entre os verdes escuros que se fazem no entardecer. Tudo se apagava, menos o tronco do Araçá: a perfeição ali combinada entre a cor e a textura. Solene se erguia, pedindo proteção, pois que, entre nós, não se contempla as coisas da casa, não se divulga, se devasta. Mas havia o grande protetor, um simples agricultor que nominava as plantas como se fossem suas filhas. Acarinhou a lisura amarela do tronco que se erguia, mostrando sua própria imensidão. Se se perder o azul das borboletas



terão muitos a lembrá-la, mas quem haverá para lembrar do amarelo consistente do Araçá? Se em outras terras houvesse tal fenômeno haveria peregrinos, discursos amarelados e olhos cheios de exclamação.

Ou foi uma distração do bosque em derramar a cor amarela das flores pelo tronco do Araçá-do-Mato ali no bosque Lucas Araújo?



AVÔ E NETO

Um amor antigo ressurgue como se fosse uma terna brisa na montanha. A imensidão e a intimidade podem ser palavras que revelam este acontecer que toma conta do ser que envelhece. Assim como Saramago aprecia ter os olhos para ver as plantas e as flores que crescem, assim o meu ser que se torna avô olha a minha criança que cresce. A mesma razão me habita: afinal me apequeno e compenso o tamanho que se reduz pelo tamanho maior da minha criança que adolece.

Os incômodos somem como brumas, mesmo que pudessem parecer tempestades, pois a casa luta bravamente. Entretanto dói, quase ao infinito, quando brotam lágrimas em seu rosto de piá , por saber que chora por se sentir sozinho e porque eu sei que é o destino humano: mesmo sabendo-se rodeado de gente, invade um profundo sentimento de ausências. Saibas que duas famílias te cercam, esperando que te saia um homem bom e alegre e que tua intimidade seja cercada de bondades e alegrias. E que saibas também este carinho que se expõe quando o neto adocece.

Dentro da noite, o neto aparecendo, vomitando e ardendo em febre, causa o seguinte quadro com as suas, talvez, inapropriadas explicações.

Avança poderoso o medo primitivo como se das cavernas



indefesas surgissem feras e pudessem devorar o menino. Por ser avô e estar sendo diminuída a vida - os tempos se esgotam rápidos - surge uma defesa que se projeta nos netos, uma primitiva esperança de não morrer. E quando, então, aí se põe o limite, vendo-se o menino perder a cor e o corpo todo se doer: uma angústia indomável se aproxima e me devora.

Buenas, como tanto se afirmou, o socorro provém dos outros que, quanto mais entendem, mais ajudam. O médico, a enfermeira, a farmácia e a farmacêutica apresentam seus recursos e prende-se a esperança, de forma alegre, no coração. Quando a febre se esvai, volta o sono e a vida apresenta uma incomensurável ternura.



TEMPOS MATERNAIS

De todas as criaturas envelhecidas na memória, uma é a mais importante: a e-terna senhora mãe de ventre generoso que ainda ilumina meu mundo. Trazer de volta esta mulher já falecida é pôr em órbita seu mundo. Trazê-la de volta com seu antigo vigor feminino, faz retornar uma força da qual meu pequeno mundo necessita para renovar a solidariedade. De todas as filosofias e leituras não teve bem maior que desta proteção: o pãozinho da manhã e o leite morno, o travesseiro limpo e a mão no meu rosto ainda atualiza meu ser. Não poderia esquecer quem me falou: meu filho, como se falasse de seu corpo e de sua alma. A ternura vinha vindo em borbotões e ao narrar estas coisas ouvi de um amigo:

Não te disse que esta vida possui um só seio, ou se toma ou se perde. Mater fecit... como as romanas afirmavam a seus filhos nos epitáfios para lembrar que é ali, na intenção da mulher, o começo e o fim de todas as coisas.

É verdade, somos frágeis, mas se não fossem elas a nos dar estofo de gente boa, não sei por onde andaríamos.

E por mistérios da mente lembrei de um antigo escrito sobre choro de criança:



“O pai incomodado dizia para a mulher:
Sobre o que chora este piá?
Enferrujado ficará seu rosto.
Salgado é o choro.
Abria a boca como se fora
A boca grande de um porongo, esperando ninhos.
Nem o piá sabia de onde lhe vinha tanto choro.
Mais berrava o piá que estava na varanda!
Enfim, acalmou-se a casa toda.
Ficou em paz, ouvindo-se apenas o soluço.
Veio a vizinha, a que sabia tudo,
Explicando à mãe do piá chorão:
Não se incomode que é da mesma vida
Tanto o riso, quanto o choro”.

E não se perde nada desta infância que é o alforje do qual se come a vida toda. Aprende-se a brincar, a correr e, no meio das violências, a esperar. Suprimir a desesperança era o princípio de minha terna senhora. Se o piá de choro enorme consolou-se



não foi pelo pai. Por certo, chegou-se a mãe a perguntar: O que tem meu filhinho pra chorar tanto assim?



MARÇO DE 2011

Muitos afastam a ansiedade ao lançarem em alguém a sorte da vida, salvando-se da morte definitiva. Conversam com tanta afabilidade como Nossa Senhora, por exemplo, que nada mais pode perturbar o coração e a mente. Ficam serenos como se estivessem sentados na casa de Maria em Éfeso, nada mais importando se aqui ou acolá tiverem de viver. Alguns tomam pra si outros santos de sua confiança e é então que a visão transcende para um lugar em que comungam da mesma serenidade. A fé e a fantasia têm poder! Posso imaginar a mais quieta das mulheres. Aquela de último apelo pra que se lhe venha um humor mais doce. Falei: Sei de ti, doce senhora minha, a mais desesperada por ver morrer o filho de tanta ternura; sei de ti, velha em Éfeso, com saudades daquele que te deu João como filho, mas não o suficiente pra encher um coração de ausências. Aquilo é que foi violência. A beleza de homem que foi teu menino não merecia aquilo. Não quero trazer a triste lembrança, mas me tenha em teu amparo. Feita a conversa, alivia-se a solidão. Melhor seria se a fé fosse maior. De todo o jeito: havia caridade e poesia.



O QUASE NADA

Os rotos momentos estão mais presentes que os grandes. Se assim é, que se os tenha em grande consideração. São desalentados que, se não houver uma alma generosa, ficam no limbo à espera de salvação.

Miados tristes, latidos sem convicção, múrmuras conversas, um rápido olhar sem motivo e sem consequência, um discurso trivial, uma lata vazia, um jornal ao vento: estão aí os prosaicos fatos e pequenas coisas que mal merecem denominação. Mas não estou sozinho nesta tarefa do movimento da dignidade dos excluídos. Diz Bosi: “A mão arranca da terra a raiz e a erva, colhe da árvore o fruto, descasca-o, leva-o à boca. A mão apanha o objeto, remove-o, achega-o ao corpo, lança-o de si. A mão puxa e empurra, junta e espalha, arrocha e afrouxa, contrai e distende, enrola e desenrola; roça, toca, apalpa, acaricia, belisca, unha, aperta, esbofeteia, esmurra; depois massageia o músculo dolorido.” E tantas outras coisas que são paradas e se movimentam: uma sombra e uma chuva, uma palavra esquecida que se esconde e provoca. Queremos também pequenos milagres... fortuitas pretensões de se,... apêndices sem muita importância.

Sem esquecer dos pequenos diabos que nas acoçam: uma mulher ou um homem que não param de conversar; uma raiva que sobe até à raiz do cabelo; uma culpa esquecida passando



de leve; são pequenos demônios merecedores de compaixão. Grandes desejos que rondaram como sonhos e deles apenas as pequenas lembranças.

Em tudo pode ser dito: a extensão da pequenez é grande.

E quem somos nós diante do universo?

Com certeza, não muito mais que um grilo no campo, entretanto, ele canta para estrelas.



DEUS AJUDA A QUEM MADRUGA

Era esta a orientação que a mãe queria passar ao garoto que amava dormir pela manhã. Baldados os esforços, a boa senhora não convencia o menino. Preferia a preguiça escondida nas cobertas. A mãe num esforço da palavra ainda argumentou: o filho do vizinho encontrou uma carteira recheada de dinheiro bem cedo.

Retrucou-lhe o menino: bem mais cedo perdeu quem mais cedo acordou!

A mãe, perdido o argumento, acordou o piá no grito! Ele ainda protestou, apelando para a carteira recheada. Ela decidida retrucou:

Perde quem tem! Prefiro que percas teu dinheiro de manhã a não ter nenhum!

Sigo a orientação desta senhora.

Pois bem, domingo, uma modorra levitava no meu peito. Mas, preciso comunicar na igreja do Retiro sobre a novidade que se impunha: os mais velhos precisam de uma nova visibilidade. As vestes antigas não lhes cabem mais. A súbita decisão de derrotar as imprecisões das horas mostrava-se oportuna.

Ao abrir a porta, um par de gansos - que o vizinho trouxe não sei donde - começou a tocar suas buzinas. Quem



tem casa tem autoridade, mas com tanto ladrão e com policiais inconfiáveis, nem tanto. Mas deixemos o mal que nos assiste!

Vendo os animais e seus gritos, me dirigi à Casa de Retiros. Mulheres velhas e umas poucas jovens punham em dia suas orações. Homens, nenhum. Como dizia o Pe. Lucca: estes vão até Deus quando não tem mais força pra pecar.

Veio a irmã Teresinha, uma das senhoras de minha coleção, guardada no arquivo Das Pessoas Melhores e mais Amáveis que Conheci, pediu se não queria convidar as velhas senhoras para a 1ª Semana Acadêmica da Terceira Idade. Deitei o verbo num convite bem escolhido, propalando as conferências, teatro... e outros motivos.

Uma velha, após a missa, encostou-se em mim e sorria...

-Muito obrigada!

O seu sorriso aberto valeu por mais de uma carteira recheada e continuava o canto de despedida:

Na história que fazemos

Deus vai à nossa frente,

Eterno é seu Amor!



SOLIDARIEDADE

Se bem se olhar, em tudo pode haver solidariedade. Terrível solidariedade esta dos chechenos, matando crianças em solidariedade à sua pátria não consentida. Mas, ainda bem que maioria das solidariedades se dá pelo simples encanto de ser com o que pode ser conhecido e amado. Sem isso, ficam aquelas poucas alegrias estreitas, mais roubadas que colhidas.

Estacionado à sombra e com um sábado todo à disposição, bem à gosto de um vagabundo, ouvindo sons e notícias, à minha frente, uma colega da Universidade estaciona seu carro. Sua mão estava ferida.

-O que foi, guria? Dá nisso querer mandar nos homens!

-Infelizmente não foi o que você pensa! Tomei coragem e corrigi um traumatismo no nervo mediano.

-Prá que serve ele?

-É ele que tem o trabalho de controlar os movimentos da mão. Por ser o da direita, já nem mais podia descascar uma laranja.

-Que bom que vai retornar a mão machucada!

-Se é!

-Logo a mão carinhosa.



Falou maliciosamente: a outra já havia aprendido e gostado!

Despedidas.

Mal a professora havia dado a volta sobre si mesma quando vi a seguinte cena: um velho senhor caminhava, retesado pelo motivo de a coluna já não lhe oferecer o ágil movimento. Veio um pé de vento que lhe roubou o chapéu, empurrando-o debaixo de um carro. Ele seguiu-o decidido, mas, ao chegar perto de seu chapéu fujão, não conseguiu apanhá-lo pela rigidez das costas. Um jovem pressurosamente apanhou-o, devolvendo o chapéu ao senhor. O velho senhor passou por mim e em seu rosto transcendia uma incontida alegria. Sabia que lhe assistia a prodigalidade humana.

Então, apreciei: por certo que as grandes tristezas habitam as pessoas que perdem pequenos e grandes objetos. Mas também divulguei dentro de mim: se assim não fosse, a mão esquerda não aprenderia o carinho e o velho não teria a solidariedade do jovem.



MEDOS DE PERDER

Uma colega da universidade contou-me: você pode acreditar numa coisa dessas? Minha irmã me telefonou noite passada pra saber qual o ano de falecimento do marido dela. Disse-lhe não saber e quem deveria saber era ela, a viúva. É desalmada minha irmã, por nem mais lembrar da perda que teve.

Pode-se deduzir, pela conversa da amiga, que os laços do afeto já eram frágeis no momento da partida. Poucos anos haviam se passado e já deletara o falecido.

Contrariamente ao pequeno fato da viúva esquecida, contava-me outro amigo sobre seus medos de perder. Curiosamente, eles não se vinculavam a nenhum ser humano. Gostava tanto de ipês floridos a ponto de ser capaz de lembrar a maldade de um senhor que meteu o machado num pé deles, carregado de flores. Testemunhou disso: foi dia 7 de setembro do ano passado que vi tombar a bela copa. Demonstrava nos seus olhos uma verdadeira saudade de uma árvore amarela que havia falecido de uma forma trágica.

Pensei que fora o único caso de saudades de plantas ou animais.

Semelhante ao caso do ipê morto, conheci uma pessoa que demonstrava um grande temor de perder dois pequenos



pássaros e se explicava: é pouca coisa, coisa pequena de quem não tem largas visões e por isso cultivava estreitos cuidados... quando menino, no interior onde morava, havia duas rolinhas, todas duas marrons, feito barro, com desenhos mais escuros. Depois vieram as cinzas, mais suaves, que tomaram seus lugares. Acredite se quiser, temo pelo desaparecimento das minhas morenas... Parece ridículo alguém, no meio deste país de sustos continentais, preocupado com pombinhas de sua infância. Foram elas que me alegravam nos meus andares e agora, ausentes, e eu mais só. Continuou sua prosa: até os líricos tico-ticos estão cedendo seus lugares aos vulgares pardais e aos chupins sem-vergonha.

Ri da condição humana e de suas diferentes ligações



INSEGURANÇA DIANTE DO PÚBLICO

Se há algum lugar onde a segurança é necessária, é em atos solenes. Confesso minha total incompetência em cerimoniais. Acredito que seja até genética a tendência ao fracasso quando qualquer coisa se torna pública e solene. Desde criança as cerimônias me perseguem.

Quando menino, durante as cerimônias da missa, tinha uma enorme dificuldade em saber o exato momento de tocar a sineta, anunciando os momentos principais. Como os textos eram em latim, confundia os momentos solenes com os triviais, fazendo até o padre duvidar do que estava fazendo. Acredito que ainda confundo o solene com o trivial. Pe. Clemente, que Deus o tenha, me ensinou dois segredos para lidar com minha grande dificuldade em tratar com protocolos. O primeiro, dizia ele, quando estiveres num cerimonial, porte-se com elegância e destemor. Não demonstre insegurança mesmo que não tenhas certeza em dar continuidade ao que deve ser feito. Se demonstrares segurança os ignorantes ficarão admirados da precisão dos movimentos e, os que souberem sobre o cumprimento exato dos movimentos, poderão entender que estão desatualizados e não vão fazer nenhum comentário, pois não querem expor sua possível ignorância. O segundo é mais simples: cuide para não querer estar no lugar do outro. Tem espaço pra todo o mundo.



Passados tantos anos e ainda continuo a detestar as grandes liturgias humanas e religiosas. Parece ser orgânico este desacerto solene. As palavras me saem fazendo combinações indesejadas e palavras são trocadas e os lapsos são imperdoáveis. Sofri tanto por ter trocado comprimido por cumprimento e Sandra por franga. Um pequeno demônio se diverte comigo nas sisudas solenidades. Adoro não ser convidado, nem a fazer parte de mesas. Melhor é ficar no meu canto quietinho. Da última vez que fui a um cerimonial, tudo corria normal, até que um dos convidados veio até mim, quando se finalizava a abertura solene do evento.

-Diz aí pro teu chefe que eu quero me pronunciar!

-Escuta, a tua fala está prevista no protocolo?

-Não! Mas tenho que falar. Pode pedir pro teu chefe?

Fui até o meu chefe, atrapalhando o momento, dizendo que um inferior estava querendo falar e voltei com a resposta.

-Olha, o meu superior disse que o teu superior vai falar!

-Aposto que você não falou quem eu era!!!

Não participei da cerimônia, mas me incomodei.



DOLCE FAR NIENTE

Neste instante nada me obriga a alguma coisa. Olho para o Thor, meu pequeno cachorro e vejo-o dormindo entre panos. Ao pensar que este comportamento poderia ser o meu, me surgem ideias a me negar este desejo. O meu olhar e o dos outros, aqueles que vem e os vindos, me dizem que não posso ficar aí, como se eu fosse desnecessário.

Bem breve é o tempo que me deixa em paz, como se não tivesse nada a fazer. Olhar o horizonte por momentos, ver dispersarem-se as nuvens, podem produzir uma pequena distração, mas não soluciona a ânsia de ser. Os apelos contidos e havidos que perambulam dentro de mim, como doidos, não se consolam sozinhos.

Entretanto, não posso existir sempre instigado de ir em frente. Vou ainda ser um vagabundo sem culpa. Olhar os telhados distantes, as folhas todas que caem e o sol como se meus olhos fossem os salvadores de tudo que se ilumina. Vou ficar com meus fantasmas e passarei sobre eles a mão como se passa sobre um cusco que se quer bem.

Terei como modelo a velha Leucádia que respondia eufórica a respeito de seu projeto de vida: o meu é poder abrir os olhos todas as manhãs, esperando que eu tenha o sol até o anoitecer. Não quero mais que meu teto e minhas flores. Já fiz



muito nesta vida.

E quem há de se perguntar sobre meus feitos quando me for e o que importa sobre o que dirão? O que me incomoda, porém, é saber que, sem a farta comunicação, as ideias e os sentimentos fenecem e fico como uma flor que morre. Quem manda me arranjar na vida como um cumpridor de obrigações.

Se está difícil descansar que, pelo menos, olhemos a nossa vida aceitando bem e, cada vez melhor, o que somos.



BRASIL ENTRE MIA COUTO E SOLON

É comum os fatos se encontrarem em temporalidades. Os brasileiros estão vivendo entre espantos e violências. A indisciplina política e a falta de ética faz lembrar Solon e Mia Couto.

Solon propõe que o bom governo dispõe tudo em ordem.

E muitas vezes põe a ferro os injustos.

E controla os desmandos.

Corrige as leis dúbias, Coloca limites aos atos arrogantes,

Põe fim à dissensão,

Faz cessar o ódio gerado pela funesta rivalidade.

Assim graças ao bom governo reina a ordem

E a proporção entre os homens.

Assim repugna aos que roubam com avidez,

Enriquecendo com atos injustos,

Pois são incapazes de refrear a arrogância

E refrear seus desejos.



Mia Couto em sua magia constrói um simulacro perversa realidade de políticos que esbanjam parvalhices com efeitos deletérios. Narra a história de dois palhaços. Opõe-se a Solon em sua intenção, sem nenhuma esperança em sua parábola, ou seja, sobre qualquer instituição eivada de interesses particulares. Dois palhaços fingem que peleiam entre si. Começa por brincadeiras ofensivas e terminam se batendo. No meio da triste folia uma das varas atinge um entre os muitos assistentes, iniciando-se a violência generalizada. Ó ódio recrudesce entre facções. E a mortandade é geral. Por fim os dois recolhem as moedas nos bolsos dos defuntos. Juntos de braços dados riem a bandeiras despregadas. E foram à busca de outra cidade.

Em minha pátria quem segue as orientações de Solon?
Aqui os políticos não se parecem aos palhaços?



FINALIZANDO

Termino por aqui e vejo que começo a valorizar lembranças. Até parece que, aos poucos, somos mais o que fomos do que aquilo que ainda poderemos ser. Vou continuar tentando e quando cair ao largo, que caia de maduro. Mais vale uma biografia que uma biologia. Tal pensamento vale como consolo.

Faço, finalmente, minha a oração de Bergmann para a falecida Agnes, em Gritos e Sussurros,. Invoco, também, a mesma prece e que qualquer alma possa nos ajudar, amenizando a necessidade de ainda ser melhor:

Que você saiba que língua falar

Para que Deus possa ouvir e entender.

Que você possa, então, falar

Com Deus e que Ele a ouça.

Reze por nós, que fomos deixados na escuridão

Com um céu, acima de nós, impiedoso e vazio.

Peça a Deus que nos liberte

De nossa ansiedade e de nosso cansaço,

De nossas apreensões e medos



Para que Ele dê sentido e significado a nossas vidas,

Você que suportou a angústia e o sofrimento por tanto tempo,

É digna de defender a nossa causa.

Penso também como Bergman, ao me solidarizar com o menino desesperado ao ouvir, em Fonte da Donzela, as palavras mais duras que uma criança pode ouvir:

Veja como é trêmula a fumaça pelo teto!

Como se estivesse com medo,

Mas ela só precisa de ar.

E lá fora ela tem todo o espaço para si.

Mas ela não sabe disso.

Por isso ela fica aqui trêmula,

Preso sob o telhado.

Acontece o mesmo com o homem:

Ele treme como uma folha ao vento

Pelas coisas que sabe e que não sabe.

Você tem que atravessar sobre um tronco fino,

Tão fino, que não saberá onde se segurar para não cair.



Sob o tronco há um rio negro

Que quer engolir você.

E os homens parecem indefesos como formigas.

Você espera uma mão que o leve para longe,

Onde o mal não terá mais poder sobre você.

Tive apenas, ao atravessar o rio sobre um tronco fino, a mão nos outros e nas coisas, no tempo e no espaço. Tive mais: um coração que não perde a incerta, alegre e, às vezes, triste eternidade entrando em casa. Guardei de tudo um pouco para não esquecer e revelei o que lembro, como num ato de caridade.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Agostinho Both é autor de obras literárias e acadêmicas. Participou em diversos livros e revistas de natureza acadêmica, voltados, a maioria, para temas regionais e sobre o envelhecimento humano. Após a aposentadoria, ocupa seu tempo dedicando-se à criação literária. Tem o prazer de escrever romances, contos e crônicas nos quais expressa suas opiniões de maneira muito própria. Possui um estilo livre de preceitos acadêmicos. Sua bagagem de professor e administrador universitário faz com que penetre de maneira leve e crítica as questões do cotidiano de sua cultura. Acima de tudo busca sua forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Crônicas: feições das horas traduz a mutação dos momentos: o brilho e o escuro se alternam. São breves confissões sobre o cotidiano do autor. A ternura e a dor se associam de maneira ostensiva mostrando as surpresas de gente e de paisagens. Tristeza e alegria não se envergonham de mostrar o rosto. O livro se mostra pedagógico porquanto o aprendizado das nuances férteis do cotidiano se refere à própria vida que flui. É breve, urge colhê-la.



978-85-8326-160-5



Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura